Nelson Rodrigues

1ª MONTAGEM
EM 1957

Viúva, porém honesta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

VIÚVA, PORÉM HONESTA

Nelson

Rodrigues

VIÚVA, PORÉM HONESTA

FARSA IRRESPONSÁVEL EM TRÊS ATOS 1957

PEÇA PSICOLÓGICA

ROTEIRO DE LEITURA E NOTAS DE FLÁVIO AGUIAR

EDITO
NOVA
FRON

© Espólio de Nelson Rodrigues

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A- Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 - Botafogo - 22251-050
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: (21) 2131-1111 - Fax: (21) 2537-2659
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Leila Name
Izabel Aleixo
Rachel Agavino
Ana Carolina Merabet
Daniele Cajueiro
Diogo Henriques
Lian Wu
Ligia Barreto Gonçalves
Rodrigo Peixoto

REVISÃO
Gustavo Penha

PROJETO GRÁFICO
Paula Astiz

Foto de capa:
J. Antonio/AJB

Este livro foi impresso pela Lis Gráfica e Editora.

Agradecemos a todos os *funcionários do* Centro *de Documentação/* Biblioteca da Fundação Nacional *de Artes no* Rio de Janeiro, especialmente a *Márcia Cláudia* Figueiredo, *Antônio Carlos Mosquito e Janaína Veiner, pela colaboração à* edição deste livro.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
R6l4v Rodrigues, Nelson, 1912-1980
Viúva, porém honesta / Nelson Rodrigues.
- Rio de Janeiro ; Nova Fronteira, 2004

ISBN 85-209-1618-X

1. Teatro brasileiro (Literatura). I. Título.

CDD 869.92
CDU 821.134.3 (81) - 2

Programa de estréia de VIÚVA, PORÉM HONESTA,
apresentada no Teatro São Jorge,
Rio de Janeiro, em 13 de setembro de 1957.

VIÚVA, PORÉM HONESTA

Comédia em três atos de
Nelson Rodrigues

Distribuição por ordem de entrada em cena:

J.B. Grijó Sobrinho
PARDAL Raimundo Furtado
MADAME CRI-CRI Norma de Andrade
DR. LUPICÍNIO Heitor Dias
DR. SANATÓRIO André Luiz
DIABO DA FONSECA Jece Valadão
IVONETE Dulce Rodrigues
DR. LAMBRETA Rodolfo Arena
TIA ASSEMBLÉIA Geny Borges
TIA SOLTEIRONA Gessy Santos
DOROTHY DALTON Wilson Marcos
PADRE N.N.
ÉPOCA atual
AÇÃO Rio de Janeiro

Direção e *mise-en-scène* de *Willy Keller*
Cenários e figurinos de *Fernando Pamplona*

PERSONAGENS

DR. J.B.

PARDAL

DR. SANATÓRIO

DR. LUPICÍNIO

DR. LAMBRETA

DOROTHY DALTON

DIABO DA FONSECA

IVONETE GUIMARÃES

MADAME CRI-CRI

TIA ASSEMBLÉIA

TIA SOLTEIRONA

PADRE

ENFERMEIROS (2)

PRIMEIRO ATO

(Gabinete do diretor de A Marreta, o maior jornal do Brasil. Em cena, dr. J.B. de Albuquerque Guimarães, gangster da imprensa, a mascar o charuto da sua sórdida prosperidade. Andando de um lado para outro, ele esbraveja.)

DR. J.B. — Pardal! Pardal!

PARDAL *(jornalista de viseira[1])* — Pronto, doutor! *(está intimidado, parado na porta)*

DR. J.B. — Entra, seu zebu!

PARDAL — Entrei!

DR. J.B. — Você, com esse tapa-luz de jornalista de filme, sabe que me enche?

PARDAL — Perfeitamente!

DR. J.B. — Seu Pardal, o senhor telefonou para o cemitério?

PARDAL — Sim, mestre, telefonei.

DR. J.B. — Minha filha já sentou?

PARDAL — Não!

DR. J.B. — Ainda não sentou?

PARDAL — Continua de pé!

DR. J.B. *(desvairado)* — Todas as mulheres sentam, menos minha filha, e por quê?

PARDAL — Não sei!

DR. J.B. — Pardal, puxa uma cadeira e senta!

PARDAL *(sentando-se)* — Sim, senhor!

DR. J.B. — Ou, por outra, fica em pé!

PARDAL — Sim, senhor! *(levanta-se)*

DR. J.B. — Agora olha para mim.

PARDAL — Sim, senhor!

(Dr. J.B., cara a cara com Pardal, um ar de louco, que apavora o outro.)

DR. J.B. — Quem sou eu?

PARDAL — O senhor não sabe?

DR. J.B. *(furioso)* — Responde: quem sou eu?

PARDAL — O diretor deste jornal!

DR. J.B. — E como é o nome deste jornal?

PARDAL — *A Marreta*

DR. J.B. — Agora, o meu nome, quero o meu nome!

PARDAL — Dr. J.B.

DR. J.B. *(berrando)* — Por extenso, nome por extenso!

PARDAL — Dr. J.B. de Albuquerque Guimarães!

DR. J.B. *(trágico e exultante)* — Dr. J.B. de Albuquerque Guimarães, bonito nome para um cartão de visitas!

PARDAL *(apavorado)* — E a *manchete*, doutor?

DR. J.B. — Ainda não acabei, Pardal. Responde, eu sou importante aqui no Brasil? Eu mando e desmando? ou, pelo contrário, sou um fósforo apagado?

PARDAL — Manda e desmanda!

DR. J.B. — Tem certeza?

PARDAL — O senhor nomeia até ministro pelo telefone!

DR. J.B. — Sou então uma potência, Pardal?

PARDAL — E uma potência!

DR. J.B. — Mas o pior tu não sabes: eu me sentia tão vira-latas, tão pateta, que precisava que alguém me esfregasse na cara a minha própria identidade... Tens certeza que eu sou eu mesmo, que eu sou o dr. J.B. de Albuquerque Guimarães, diretor de A *Marreta*, o vespertino de maior circulação? Tens essa certeza?

PARDAL — Tenho!

DR. J.B. — Mentira!

PARDAL — Mas é verdade!

DR. J.B. — Não tenho força nenhuma. Ou por outra: tenho força para nomear ministros. Teria força para fazer sabe o quê?

PARDAL *(espavorido)* — Não!

DR. J.B. — Para montar em ti, meu redator-chefe, ou duvidas?

PARDAL — Montar em mim?

DR. J.B. — Imagina: tu, meu semelhante, depositário de uma alma imortal, montado por mim! Deixarias?

PARDAL — Sem testemunhas, com prazer.

DR. J.B. — Eu teria forças para isso, mas não tenho força para fazer a minha filha sentar. Conclusão: o verdadeiro animal sou eu e não tu, eu é que devia ser montado por ti e passear, no meu próprio gabinete, contigo na garupa!

PARDAL — E a *manchete,* doutor?

DR. J.B. — *Manchete*?

PARDAL — Onde devo pôr o país?

DR. J.B. — Que país?

PARDAL — O Brasil.

DR. J.B. — Ponha o Brasil à beira do abismo, seu Pardal!

PARDAL — Outra vez?

DR. J.B. — Outra vez e sempre! Ou você ignora que minha filha é uma viúva? E não uma viúva sentada, como há milhares, há milhões! Antes de fazer suas *manchetes*, pense na viuvez de minha filha, Pardal!

PARDAL — Tem razão, mestre!

DR. J.B. — Põe um troço assim: "Falência do Brasil"! Que tal?

PARDAL *(rabisca um papel)* — Bacana... *(lendo)* Falência do...

DR. J.B. — Abre num tipo tamanho de um bonde. A falência do Brasil sempre vendeu jornal!

PARDAL — O.k. *(sai e logo* volta) Seus convidados.

DR. J.B. — Chegaram?

PARDAL — Mando entrar?

DR. J.B. — Claro, seu zebu!

PARDAL *(vai e volta)* — Tenham a bondade. Por aqui.

CONVIDADOS — Pois não.

(Entram o psicanalista, o otorrino e a ex-cocote[2].)

DR. J.B. — Desinfeta, Pardal! *(para os recém-chegados)* Vamos entrar!

PSICANALISTA — Como tem passado?

DR. J.B. — Entrem!

OTORRINO (*cumprimentando)* — O senhor só tem um redator?

DR. J.B. — Eu não podia pôr aqui um elenco de Cecil B. de Mille[3].

EX-COCOTE — Tudo azul?

(Todos se sentam.)

DR. J.B. — Não falta mais ninguém?

(Neste momento, há uma explosão que lembra o magnésio[4] dos antigos fotógrafos. Irrompe da fumaça um sujeito de casaca, com dois esparadrapos na testa.)

DESCONHECIDO — Cáspite![5]

DR. J.B. — Quem é o senhor?

DESCONHECIDO — Não desconfia?

DR. J.B. — Não!

DESCONHECIDO *(faz uma mesura)* — Diabo da Fonseca, para servi-lo!

DR. J.B. — Que diabo?

DIABO DA FONSECA — O próprio!

DR. J.B. — Prove!

DIABO DA FONSECA *(arranca a carteirinha)* — Eis a minha carteirinha profissional!

(Todos se precipitam.)

DR. J.B. *(lendo)* — "Diabo da Fonseca. Profissão: Belzebu."

DIABO DA FONSECA — Confere?

DR. J.B. — Batata!

EX-COCOTE — O esparadrapo na testa foi algum acidente com seu senhorra?

DIABO DA FONSECA — Madame, eu sou solteiro e, nem ao menos, amigado!

OTORRINO — Não gosta de mulher?

DIABO DA FONSECA — Prefiro as viúvas!

DR. J.B. — Mas, afinal, a que devemos o prazer?

DIABO DA FONSECA — Eu explico. Imagine que eu vinha passando por aqui, acidentalmente e, de repente — foi de repente — senti um cheiro mortal, incoercível, incontrolável de viúva... Ainda agora sinto viúva no ar... *(para um dos presentes)* — Aqui alguém é viúva?

PSICANALISTA — Eu sou psicanalista!

DIABO DA FONSECA *(desvairado)* — Um de nós é viúva!

DR. J.B. — Contenha-se, Diabo da Fonseca, e seja um dos nossos. Abarraque-se.

DIABO DA FONSECA *(senta-se)* — Obrigado.

DR. J.B. — Bem, agora as apresentações: Aqui, Madame Cri-cri. Foi *cocote* ao tempo da vacina obrigatória...

MADAME CRI-CRI — No meu época a mulher usava bigodes no sovaco!

DR. J.B. — Este é o dr. Lupicínio, psicanalista de primeira água.

(Dr. Lupicínio ergue-se e cumprimenta apertando as mãos, como num boxeur[{6}]*.)*

DR. J.B. — Tem no consultório até vitrola caça-níqueis, com discos de churrascaria.

DIABO DA FONSECA — Cáspite!

MADAME CRI-CRI *(para o psicanalista)* — Doutor, nós somos colegas, doutor!

DR. LUPICÍNIO — Como assim, Madame?

MADAME CRI-CRI — Oh, sim! Nós tratamos do sexo, eu, no meu casa, o doutor, no seu consultório!

DR. LUPICÍNIO — Absolutamente!

MADAME CRI-CRI — O sexo, nosso ganha-pão, o nosso mina!

DR. LUPICÍNIO *(invocando o testemunho alheio)* — Vejam! O que é que tem o sexo com as calças!

DR. J.B. — Não briguem!

MADAME CRI-CRI — Ou, eu não sou cafajeste!

DR. J.B. *(continuando)* — Dr. Sanatório Botelho, otorrino insigne...

DR. SANATÓRIO *(ergue-se gravemente)* — Muito prazer. E se me permitem... *(arranca um travesseiro da barriga)*

DIABO DA FONSECA — Barriga artificial, doutor?

DR. SANATÓRIO — É preciso!

MADAME CRI-CRI — Ora veja!

DR. SANATÓRIO — O médico precisa ser barrigudo — infunde respeito, confiança! A barriga impressiona os maridos. Mas pesa!

DR. J.B. — Meus amigos, estamos reunidos aqui, inclusive o diabo, por quê?

DIABO DA FONSECA — Cáspite!

DR. J.B. — Sim, por quê? Pelo seguinte: porque minha filha única, Ivonete, ficou viúva.

(O diabo atira-se aos berros, aos aplausos.)

DIABO DA FONSECA — *(batendo palmas)* — Muito bem! Bravíssimos! Bravos!

DR. J.B. — Endoidou, Satanás?

DIABO DA FONSECA — Eu sempre aplaudi qualquer viuvez!

DR. J.B. — Como eu ia dizendo: meu genro viajou de papa-filas e o papa-filas virou. Morreu todo o mundo e o meu genro virou farelo. Ora, direis, viúvas há muitas. Mas as outras sentam e a minha filha não. Qualquer dia desses morre como uma cambaxirra[7].

DIABO DA FONSECA — Reze, meu amigo, reze!

DR. J.B. — E eu chamei vocês, porque sempre tive
a mania dos especialistas. Quando minha filha casou, toda sua primeira noite, de fio a pavio, foi orientada por especialistas.

MADAME CRI-CRI — Mulher também deve ser orientada no adultério!

DIABO DA FONSECA — Madame, a senhora é um crânio!

DR. J.B. — Agora, na sua viuvez, eu recorro novamente aos técnicos. Cada um dos presentes tem, no caso, uma autoridade óbvia. Por exemplo, Madame Cri-cri. Contemporânea do *Kaiser*[8], de Mata-Hari[9], da febre amarela[10], sabe tudo, não sabe, madame?

MADAME CRI-CRI — Dou os meus palpites!

DR. J.B. — Hoje, tem casas até em Istambul.
Nosso amigo psicanalista vive do sexo. O otorrino parece não ter nada com o peixe. Engano. Ninguém ama sem ouvidos, nariz e garganta. Quanto ao nosso amigo Belzebu, quem discutiria, sim, quem?, a sua autoridade sexual milenar? Fala: tu não és perito em amor, em mulher, Belzebu?

DIABO DA FONSECA — Bem. Eu não me considero nenhum Bocage[11], mas me defendo.

DR. LUPICÍNIO — Acho que já vi o Diabo nalguma revista da praça Tiradentes{12}!

DR. J.B. — Ora, no meu fraco entender, a viuvez é um problema de sexo, ou não é?

DR. LUPICÍNIO — Admitamos.

DR. J.B. — E se é, vocês, que são donos da matéria, Madame com seu tráfico de brancas, dr. Lupicínio com seu consultório de *boîte*{13}, dr. Sanatório com sua bossa, vocês vão liquidar o caso de minha filha. Entendidos?

DIABO DA FONSECA — Cáspite!

DR. J.B. — Fala um de cada vez, apresentando uma solução salvadora. Com a palavra, o psicanalista.

DR. LUPICÍNIO — Logo eu?

DR. J.B. — Perfeitamente.

DR. LUPICÍNIO — Mas por que eu?

DR. J.B. — Evidente.

DR. LUPICÍNIO — Não posso falar.

DR. J.B. — Como não pode?

DR. LUPICÍNIO — O doente fala, eu calo. O doente paga, eu nem pio. Aliás, cobro meu silêncio pelo taxímetro. *(exibe o taxímetro)*

DIABO DA FONSECA — Que mamata!

DR. LUPICÍNIO — Sua filha está morrendo. Muito bem. Ela entra com uma angústia braba e eu com um divã macio. Eis a minha contribuição: o divã.

MADAME CRI-CRI — Você usa o divã, eu uso o cama.

DR. J.B. — Continue, amigo psicanalista.

DR. LUPICÍNIO — Não posso. Aliás, nunca falei tanto e já me sinto um traidor da psicanálise. Não me peça mais que o divã.

DR. J.B. — Adiante. Com a palavra o otorrino. Como arrancar minha filha da morte?

DR. SANATÓRIO — Com licença. Vou recolocar a barriga para maior dignidade do meu pronunciamento. *(repõe a barriga e, ao mesmo tempo, vai falando)* Meus concidadãos, esse problema de "viuvez inconsolável" é meio relativo. A última viúva que eu conheci fez o seguinte: saiu do cemitério chupando chicabon{14}. Diga-se que fazia um calor brabíssimo. Mas, enfim, sua filha está mesmo inconsolável e eu pergunto: ela já fez a radiografia dos dentes?

DR. J.B. — Pra quê?

DR. SANATÓRIO — Mas é óbvio!

DR. J.B. — Explique-se!

DR. SANATÓRIO — Convém uma pesquisa de focos dentários. E bom!

DIABO DA FONSECA — Peço a palavra!

DR. J.B. — Com a palavra, o Belzebu!

DIABO DA FONSECA — Está tudo errado!

DR. J.B. — Por quê, carambolas?

DIABO DA FONSECA — Lógico! Estamos falando de uma viúva que não conhecemos, que não estamos vendo. Como opinar no escuro? Como salvar uma viúva, sem vê-la e sem cheirá-la?

DR. J.B. — Você quer cheirar minha filha?

DIABO DA FONSECA — Por que não?

DR. J.B. — Com que intuito?

DIABO DA FONSECA — De pura investigação psicológica.

DR. J.B. — *(para os outros)* — Melhorou!

DIABO DA FONSECA — Sim e pelo seguinte: cada mulher ou, por outra, cada viúva tem um cheiro pessoal, intransferível, que é preciso captar. Conhece-se uma mulher de várias maneiras, inclusive cheirando-a, meticulosamente. Concorda?

DR. J.B. — *(para todos)* — Vocês querem ver minha filha?

DR. LUPICÍNIO — Queremos!

DR. J.B. — O.k. Vou buscá-la. Seu Pardal!

PARDAL — *(entrando)* — Cheguei!

DR. J.B. — Seu Pardal, não me deixa ninguém sair, compreendeu? Volto já.

(Sai.)

PARDAL — Não há perigo.

(Pardal planta os pés, cruza os braços, como a prevenir qualquer tentativa de fuga. Vem o diabo ter com o Pardal um duelo de perguntas e respostas rapidíssimas.)

DIABO DA FONSECA — Que tal o homem?

PARDAL — Um cavalo!

DIABO DA FONSECA — De quantas patas?

PARDAL — Vinte e oito!

DIABO DA FONSECA — E a mulher dele?

PARDAL — A falecida?

DIABO DA FONSECA — Prestava?

PARDAL — Uma messalina![15]

DIABO DA FONSECA — E a filha?

PARDAL — Pior!

DIABO DA FONSECA — Por quê?

PARDAL — Não respeita nem poste!

DIABO DA FONSECA — E nós?

PARDAL — Uns palhaços!

DIABO DA FONSECA — E você?

PARDAL — Um cretino!

DIABO DA FONSECA — Obrigado!

(Cessa o diálogo entre Pardal e o Diabo. O dr. Sanatório dirige-se ao Diabo.)

DR. SANATÓRIO — Vai ver que a filha do nossa amizade é algum bucho!

DIABO DA FONSECA — Protesto! Meu amigo, tenho milhões de anos!

DR. SANATÓRIO — Não parece!

DIABO DA FONSECA — Pois nunca, nesse curto período, encontrei uma viúva que fosse, ainda que remotamente, um bucho! Uma viúva nunca seria um bucho, não senhor, absolutamente, ora veja!

DR. LUPICÍNIO *(para Madame Cri-cri)* — Madame, a senhora é francesa?

MADAME CRI-CRI — Faz diferença?

DR. LUPICÍNIO *(amabilíssimo)* — Responda, Madame!

MADAME CRI-CRI — Polaca!

DR. LUPICÍNIO — Tem certeza?

MADAME CRI-CRI *(dengosa)* — Nasci lá!

DR. LUPICÍNIO — Quer dizer que as polacas existem?

MADAME CRI-CRI — Parrece!

DR. LUPICÍNIO — Quem diria?

(Dr. Sanatório, que estava andando de um lado para outro, estaca, puxa um relógio e esbraveja.)

DR. SANATÓRIO — Tenho hora marcada e o dr. J.B. que não vem, ora pipocas!

MADAME CRI-CRI — O doutor psicanalista quer-me dar uma palavrinha, em particular?

DR. LUPICÍNIO — Com prazer.

MADAME CRI-CRI — Oh, por que o doutor não vem no meu casa?

DR. LUPICÍNIO — Por quem me toma, Madame?

MADAME CRI-CRI — Eu fazer um abatimento, um preço de avenida

Passos!

DR. LUPICÍNIO — Não insista, Madame!

MADAME CRI-CRI — O doutor tem algum tara especial?

DR. LUPICÍNIO — Eu sou analisado, Madame!

MADAME CRI-CRI — Meu casa aparelhada para qualquer preferência do freguês... E pode confessar seu tara... Cada um tem o seu, vou-lhe provar. Chega aqui um momentinho, Diabo do Fonseca.

DIABO DA FONSECA — Chamou, Madame?

MADAME CRI-CRI — Você não tem um tara?

DIABO DA FONSECA *(estarrecido)* — Como sabe?

MADAME CRI-CRI — Oh, responda, menino!

DIABO DA FONSECA — Tenho, mas é inconfessável!

DR. LUPICÍNIO *(depois de olhar para os lados)* — Deve ser uma tara muito grave!

DIABO DA FONSECA — Gravíssima!

MADAME CRI-CRI — Conta pra nós, baixinho. Eu serr de confiança. Doutor também boca-de-siri.

DIABO DA FONSECA — É uma coisa horrível, que me persegue desde a primeira chupeta. Eu digo, mas a senhora não pode contar nem para sua mamãe.

MADAME CRI-CRI — Eu jura!

DIABO DA FONSECA — Então, eu vou contar, baixinho, bem baixinho... põe-se *a berrar, como um possesso)* Há uns milhões de anos que eu sonho com uma viúva. Dia e noite, só
penso nela. É minha sina, Madame!

MADAME CRI-CRI — Eu arranjar viúva recentinha, de 48 horas!

DIABO DA FONSECA — Não serve, Madame!

MADAME CRI-CRI — De 24 horas, fresquinha!

DIABO DA FONSECA — Madame, aquela que eu espero, há milhões de anos, não é uma qualquer. É viúva, porém honesta. Só serve assim.

MADAME CRI-CRI *(põe as mãos na cabeça)* — Honesto? Viúva honesto? Oh, você tirou meu rebolado!

DR. LUPICÍNIO — E nunca encontrou uma nessas condições?

DIABO DA FONSECA — Mas não perdi as esperanças ou, por outra, ainda não perdi a última esperança: a filha do dr. J.B. Talvez seja a viúva dos meus sonhos, talvez. Porém se me falhar esse cartucho derradeiro e suicida, eu entro para um convento!

PARDAL — Atenção! Muita atenção! Acaba de chegar o dr. J.B., com a sua filha, d. Ivonete!

(Entra dr. J.B. com a viúva. Esta, de luto fechado e inconsolável.)

DR. J.B. — Demorei, porque fui apanhar minha filha no cemitério. Estava lá, junto ao túmulo do marido.

(Cada qual apanha uma cadeira para oferecer à inconsolável.)

MADAME CRI-CRI — Oh, sente-se!

IVONETE — Nunca!

DR. LUPICÍNIO — Não quer sentar-se?

IVONETE — Eu sou uma viúva!

DR. SANATÓRIO — E daí?

IVONETE — Ou o senhor pensa que vou sentar-me como qualquer uma, cruzar as pernas etc. etc?

DR. LUPICÍNIO — Não pode?

IVONETE — Jamais!

DR. SANATÓRIO — Quer dizer que sentar é um ato gravíssimo?

IVONETE — Sim, um desrespeito à memória do marido. Se eu me sentasse, o que é que o senhor diria de mim? Responda! (espeta o dedo *no peito do dr. Sanatório)*

DR. SANATÓRIO — Eu, minha senhora, não diria absolutamente nada!

IVONETE — Seu mentiroso!

DR. J.B. — Pode xingar, minha filha, xinga à vontade! (para o *dr. Sanatório)* Deixa ela xingar!

IVONETE — Uma virgem qualquer pode sentar e fazer outros papéis. Não uma viúva. Eu tenho um compromisso, afinal de contas.

DR. LUPICÍNIO — Mas seu marido não morreu, minha senhora?

IVONETE — Morreu. E por isso mesmo. Ou o senhor me acha com cara de trair um marido morto? Um vivo não significa nada. O senhor, por exemplo, é casado?

DR. LUPICÍNIO — Perfeitamente.

IVONETE — Vive bem com sua mulher? Vai dizer
que vive bem. Mentira. Vive mal. Não se pode viver com um marido que não morreu. O senhor está vivo. Já imaginou como o senhor deve ser chato em casa? No quarto, no banheiro? E se a sua senhora, achando que o senhor é realmente chato, resolve traí-lo? Pôr-lhe uns chifres?

DR. LUPICÍNIO — Em mim?

DR. J.B. *(rosnando)* — Não contraria!

IVONETE *(espetando-lhe o dedo)* — Em si!

DR. LUPICÍNIO — Azar o meu!

IVONETE *(baixo)* — Sua cara dá vontade de trair.

DR. J.B. *(rosnando)* — Confirma!

IVONETE — Não dá vontade de trair?

DR. LUPICÍNIO — Minha cara dá uma vontade imensa de trair!

IVONETE — Isso! Agora me responda: já viu algum
cadáver chato?

DR. LUPICÍNIO — Não.

IVONETE — Ou burro?

DR. SANATÓRIO — Não.

IVONETE — Ou analfabeto?

MADAME CRI-CRI — O morto é sempre boa-praça!

IVONETE — Portanto, só a viúva é que deve ser fiel, só. As outras, não. As outras não precisam.

DR. J.B. — Mas sente-se, minha filha!

IVONETE — Não farei isso, nem outras coisas piores. Por exemplo: eu posso limpar as orelhas, enfiar o dedo no ouvido, como uma reles virgem? posso?

DIABO DA FONSECA — Não pode!

IVONETE — Meu pai, volto ao cemitério!

DR. J.B. — Eu levo no automóvel.

IVONETE — Com licença! *(sai com o pai.* Os *outros inclinam-se)*

PARDAL — Abram o olho: vigarista autêntica!

DR. LUPICÍNIO *(para o Diabo)* — Gostaste?

DIABO DA FONSECA — Legal!

DR. SANATÓRIO — Pões a mão no fogo?

DIABO DA FONSECA — Por ela?

DR. SANATÓRIO — Pões?

DIABO DA FONSECA — De olhos fechados!

DR. LUPICÍNIO — Rapaz, não ponhas a mão no fogo por viúva nenhuma!

DIABO DA FONSECA — Por essa, ponho. Honesta às pampas! E eu só digo a vocês uma coisa: invejo esse marido, esse morto, esse defunto, eu queria estar lá, onde ele está, podre, mas com essa boa por cima!

(Entra o dr. J.B., Pardal perfila-se à sua entrada.)

PARDAL — Mestre!

DR. J.B. — Já conhecem a viúva e qual é a conclusão?

DR. SANATÓRIO — Com licença.

DR. J.B. — Pode falar.

DR. SANATÓRIO — Conhecemos a viúva, sim. Mas falta um detalhe — o marido.

MADAME CRI-CRI — Posso dar meu palpite?

DR. J.B. — Com a palavra, Madame Cri-cri.

MADAME CRI-CRI — Seu genro tinha algum tara?

DR. J.B. — Por quê, Madame?

MADAME CRI-CRI — Geralmente, o marido muito chorado teve um tara muito simpático, muito agradável. Não foi assim com o falecido?

DR. J.B. — Madame, eu não sou precisamente a viúva.

DR. LUPICÍNIO — Mas precisamos saber quem foi e como foi seu genro!

DR. J.B. — Vou-lhes contar um episódio capital. Prestem atenção. Vem cá, Pardal.

PARDAL — Pronto, mestre.

DR. J.B. — Você se lembra daquele dia? como foi?

PARDAL — Ah, me lembro, sim. *(luz escurece em cima da mesa)* Eu estava na redação, quando...

(Fugitivo, de uniforme. Mete-se debaixo da mesa.)

PARDAL — Eu estava comendo um sanduíche. E, de repente... *(mastiga um imaginário sanduíche)* Que é que está fazendo aí?

FUGITIVO *(com voz de falsete)* — Socorro... Socorro...

PARDAL — Qual é o drama?

FUGITIVO — Ah, me salve, moço, me salve!

PARDAL — Levanta!

FUGITIVO — A polícia me persegue! Está atrás de mim! Olha que eu corto os pulsos!

PARDAL — Seu pivete!

FUGITIVO — Fugi do SAM[{16}], moço!

PARDAL — Ah, é? Então, rua! rua! Não tenho nada com isso, e não amole!

FUGITIVO — Ih, o senhor nem parece que teve mãe!

PARDAL — Ó, seu cachorro! te meto a mão, já, já e... Mas espere... Do SAM? Fugiste do SAM?

FUGITIVO — Pois é, fugi de lá com o "Pola Negri"[{17}]! Batiam na gente.

PARDAL — Tive uma idéia, e luminosa. Vem cá, ó... como é teu nome?

FUGITIVO — Dorothy Dalton[{18}].

PARDAL — Bolei uma idéia, Dorothy Dalton. Vamos falar com o nosso diretor, que é uma mãe, um caráter! Mas não fala, fica só ouvindo, e deixa eu falar, (vão *ao encontro do dr.* J.B.) — Esse cara fugiu do SAM e...

DR. J.B. — Entrega à polícia!

PARDAL — Tive uma idéia melhor, diretor. É um troço maquiavélico. Que tal se a gente pegasse esse cara para fazer demagogia sórdida?

DR. J.B. — Bem sórdida?

PARDAL — É simples: a gente apanha o Dorothy Dalton e faz-se a recuperação do bicho.

DR. J.B. — Isso é irrecuperável!

PARDAL — Também acho, mas não tem importância. O que interessa é a onda contra o SAM e a nosso favor. Ficaria demonstrado que o SAM, em vez de corrigir, corrompe. Ao passo que nós — veja bem —, nós passaríamos pelos salvadores de uma besta como essa. Dá-se um emprego, um emprego qualquer e faz-se a demagogia.

DR. J.B. — E uma idéia!

PARDAL — Não é?

DR. J.B. — Mas que tipo de função teria o Dorothy Dalton, com esse nome de cinema mudo?

PARDAL — Só vendo. Vem cá, Dorothy Dalton, chega aqui

DR. J.B. — Mas que figurinha!

PARDAL — O que é que você sabe fazer? Antes de ir para o SAM o que é que você fazia?

DOROTHY DALTON — Raspava pernas de passarinho a canivete!

DR. J.B. — Bonito!

PARDAL *(exultante)* — Já sei. Crítico de teatro!

DR. J.B. — Você acha?

PARDAL — Mas olha a pinta, doutor! Está na cara! Não é escrito e escarrado o crítico teatral da nova geração?

DR. J.B. *(para Dorothy Dalton)* — Topas?

DOROTHY DALTON — Por mim, qualquer prazer me diverte!

DR. J.B. — Mas já sabe. Avisa que o jornal é contra o sexo!

PARDAL *(para o Dorothy Dalton)* — Ouviste, Dorothy Dalton? Qualquer peça que tenha uma insinuação sobre sexo, sobre amor de mulher com homem, você mete o pau, escracha! Outra coisa: se uma personagem ficar grávida, você também espinafra, vai espinafrando! Não admitimos gravidez em cena!

(Cessa a evocação do episódio. Saem Pardal e Dorothy Dalton.)

DR. J.B. — A partir desse momento, o Dorothy Dalton sentou-se na minha alma!

DR. LUPICÍNIO — E o seu genro, doutor?

DR. J.B. — Já chegaremos lá.

DIABO DA FONSECA — Queremos conhecer um marido tão chorado, que devia ser uma especialidade!

DR. J.B. — Primeiro, ouçam mais esta — um fato que alterou, mudou toda a minha vida. Um dia, minha filha amanheceu febril. Nada de importante. Um resfriado bobo. Apenas uma coriza à-toa, só. Mas pelo sim, pelo não, mandei a menina ao médico da família, de toda a confiança. Uma tia solteirona foi levá-la. Vamos abrir um espaço

para o passado.

(Dr. J.B. e os outros vão saindo.)

DR. LUPICÍNIO — Vocês vão na frente, que eu quero dar uma palavrinha à Madame Cri-cri.

DR. SANATÓRIO — Não demore!

MADAME CRI-CRI — Pode falar, doutor psicanalista!

DR. LUPICÍNIO — Madame, aquele negócio é batata?

MADAME CRI-CRI — Que negócio?

DR. LUPICÍNIO *(já com dispnéia)* — A senhora sabe, Madame!

MADAME CRI-CRI — Das viúvas?

DR. LUPICÍNIO *(faunesco)* — Madame, existe viúva de 24? ou de 48 horas?

MADAME CRI-CRI — Oh, duvida?

DR. LUPICÍNIO — Mas viuvez documentada, Madame?

MADAME CRI-CRI — Não entendo!

DR. LUPICÍNIO (num *rompante)* — Quero uma que me esfregue na cara o atestado de óbito. Eu fui analisado, Madame, mas exijo o atestado de óbito!

MADAME CRI-CRI — Oh, arranja-se!

DR. LUPICÍNIO — Dinheiro há! Dinheiro há!

MADAME CRI-CRI — Combinado de pedra e cal![{19}]

DR. LUPICÍNIO — Madame, a senhora é uma mãe!

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Consultório do dr. Lambreta, clínico ilibado. Velhinho de óculos, um ar de avô de todo o mundo. Entram tia Assembléia e Ivonete, a filha do dr. J.B. O dr. Lambreta está de costas para as recém-chegadas, escrevendo.)

TIA ASSEMBLÉIA — Como tem passado, dr. Lambreta?

DR. LAMBRETA — Não me dê "bom-dia", porque estou cobrando até cumprimento!

(Vira-se o dr. Lambreta. Muito míope. Vive esfregando as mãos e dando risadinhas como uma bruxa de discos para crianças. Só falta enfiar a cara no nariz da cliente, para enxergá-la.)

DR. LAMBRETA — Quem é a senhora?

TIA ASSEMBLÉIA — Não se lembra mais de mim?

DR. LAMBRETA — Sou muito mau fisionomista!

TIA ASSEMBLÉIA — O senhor é médico da nossa família há 45 anos e meu nome é Assembléia...

DR. LAMBRETA — Já sei: a tia solteirona!

TIA ASSEMBLÉIA — Isso mesmo!

DR. LAMBRETA — Tenho uma memória batata! E quem é essa figurinha difícil da Bala Ruth{20}?

TIA ASSEMBLÉIA — Não se lembra? O senhor fez o parto dela!

DR. LAMBRETA — Agora me lembro. Seu pai é jornalista! Carreguei essa menina no colo. Você... *(vira-se pra Ivonete)* ...fez muito xixi em cima de mim!

IVONETE — Quero ir-me embora!

TIA ASSEMBLÉIA — Tenha modos!

DR. LAMBRETA *(para a tia)* — Chega aqui, chega! *(leva a tia para um canto)*

IVONETE — Volta, titia, volta!

TIA ASSEMBLÉIA — Tão agarrada a mim, dr. Lambreta! *(para a menina)* Fica bonitinha!

IVONETE — Quero ficar com a senhora, ah!

TIA ASSEMBLÉIA — Pois fica, mas tira a mão da saia, tira! *(para o médico)* Pode falar, doutor, que ela não entende! Tão ingênua, ih!

DR. LAMBRETA — A senhora tinha uns sonhos, não é mesmo?

TIA ASSEMBLÉIA *(deliciada)* — E ainda tenho!

DR. LAMBRETA *(com uma risadinha)* — Uns sonhos impróprios?

IVONETE — Eu também sonho, titia!

TIA ASSEMBLÉIA — Quietinha! *(para o velhinho)* Eu sonho sempre com um homem...

DR. LAMBRETA — O mesmo homem!

TIA ASSEMBLÉIA — Sempre o mesmo!

DR. LAMBRETA *(com um riso sôfrego)* — Continua!

TIA ASSEMBLÉIA — E assim: eu venho atravessando um terreno baldio...

DR. LAMBRETA — E o homem aparece!

TIA ASSEMBLÉIA — Aparece. E imagine: nu da cintura para cima!

IVONETE — Por que é que a senhora não correu, titia?

TIA ASSEMBLÉIA — Fica quieta, senão eu ponho você sentadinha ali, de castigo!

DR. LAMBRETA — Nu da cintura para cima não oferece perigo!

TIA ASSEMBLÉIA — Mas eu tenho medo!

DR. LAMBRETA — Que foi que lhe receitei?

TIA ASSEMBLÉIA — Uns diuréticos!

DR. LAMBRETA — E continua sonhando?

TIA ASSEMBLÉIA — Do mesmo jeito!

DR. LAMBRETA — Tira a roupa!

TIA ASSEMBLÉIA — Pra quê?

DR. LAMBRETA — Precisamos ver isso! Precisamos ver isso!

TIA ASSEMBLÉIA — Não sou eu, doutor!

DR. LAMBRETA — Então, quem é?

TIA ASSEMBLÉIA — Ela!

DR. LAMBRETA — Essa coisinha linda?! *(para a tia Assembléia)* Mas depois a senhora vai-me contar tudo o que tem havido no sonho. Conta?

TIA ASSEMBLÉIA — Tudo, doutor?

DR. LAMBRETA — Com detalhe! O detalhe é essencial! *(para Ivonete)* Mas vamos ver a nossa amiguinha. Está com dodói, coração? Diz pro vovô, diz?

IVONETE — Chato!

TIA ASSEMBLÉIA — Sua feiosa!

DR. LAMBRETA — Que espontaneidade! Que idade você tem?

IVONETE — Não sei!

TIA ASSEMBLÉIA — Quinze.

DR. LAMBRETA *(num deslumbramento gagá)* — Quinze, logo quinze! *(para a tia)* Mas é o que eu chamo uma idade criminosa!

TIA ASSEMBLÉIA — Por quê, dr. Lambreta?

DR. LAMBRETA — Madame, eu tenho uma teoria acerca da idade feminina. Na minha opinião, a mulher só devia ter quinze anos, nem um minuto a mais, nem um minuto a menos...

TIA ASSEMBLÉIA — Mas que exagero, doutor!

DR. LAMBRETA *(de mãos postas)* — Batata, minha senhora, batata! *(para a menina)* Mas o que é que ela tem, o meu bibelô?

TIA ASSEMBLÉIA — Não sei bem, Coriza, doutor!

IVONETE — Ah, vamos embora!

TIA ASSEMBLÉIA — Menina intolerável!

DR. LAMBRETA — Escuta: vou-te examinar, mas não vai doer nada, nada...

IVONETE *(num repelão)* — Me larga!

DR. LAMBRETA — Ela tem pudor?

TIA ASSEMBLÉIA — Demais, doutor! Também é natural: viveu, até ontem, no colégio interno, e praticamente nunca viu um homem!

DR. LAMBRETA *(esboça um gesto para a garota)* — Meu anjinho...

IVONETE (contraída) — Eu grito!

DR. LAMBRETA — ...mas ouve: eu vou só olhar tua lingüinha, ouviu? Não precisa ficar com medo, porque eu estou nessa idade em que o médico começa a vender amostra... Faz assim, olha! *(mostra a língua)*

TIA ASSEMBLÉIA — Mostra a língua!

IVONETE — Tenho vergonha!

TIA ASSEMBLÉIA — Pudor às vezes atrapalha!

DR. LAMBRETA — Abre a boquinha, olha!

(Ivonete obedece e o dr. Lambreta aplica-lhe uma colher.)

DR. LAMBRETA — Assim. Viu como não dói?

TIA ASSEMBLÉIA — Que tal, doutor?

DR. LAMBRETA — Garganta, língua, gengivas vermeIhinhas como romã... Madame, essa menina tem razão em não querer abrir a boca... Uma boca aberta é meio ginecológica, madame... Afinal, o dentista acaba sendo ginecologista... *(espantado)* Mas vejam só!

TIA ASSEMBLÉIA — Que foi, doutor?

DR. LAMBRETA — Não é possível!

TIA ASSEMBLÉIA — Está inflamada a garganta?

DR. LAMBRETA — Minha senhora, estou com minha cara no chão!

TIA ASSEMBLÉIA — É crupe, doutor?!

DR. LAMBRETA — Calma, calma! Ainda é cedo para uma última palavra... Vou fazer um novo exame... Meu coração, agora você vai-me deixar escutar nas tuas costinhas, deixa?

IVONETE — Não dói?

DR. LAMBRETA — Te juro!

IVONETE — Então, eu deixo!

TIA ASSEMBLÉIA — Assim que eu gosto!

DR. LAMBRETA — Já perdeu a vergonha, não foi?

(Ivonete dá um grito inesperado e terrível)

IVONETE — Quero ficar nua!

TIA ASSEMBLÉIA — Mas que é isso, menina!

DR. LAMBRETA — Não faz mal, deixa!

TIA ASSEMBLÉIA — Ela é assim, de rompante! Mas tudo isso é inocência, doutor!

(Dr. Lambreta põe a toalha nas costas da menina.)

DR. LAMBRETA — Diga trinta e três, meu bem.

IVONETE — Trinta e três.

DR. LAMBRETA — Outra vez.

IVONETE — Trinta e três.

DR. LAMBRETA (vira-se *para a tia)* — Em todo caso, pelo sim, pelo não, é bom chamar o pai dessa menina.

TIA ASSEMBLÉIA — Pra quê, doutor?

DR. LAMBRETA — Não me faça perguntas que ainda não posso responder.

TIA ASSEMBLÉIA *(em pânico)* — Mas há perigo, doutor?

DR. LAMBRETA — Telefone, já!

(Tia corre para o telefone.)

TIA ASSEMBLÉIA *(para o médico)* — Se essa menina morrer, eu me mato, doutor!

DR. LAMBRETA *(continua auscultando)* — Agora respire forte. *(Ivonete obedece)* Mais.

IVONETE — Pronto, doutor?

DR. LAMBRETA — Pode vestir.

TIA ASSEMBLÉIA *(no telefone)* — Venha correndo, chispado! Sua filha está nas últimas! *(desliga. Precipita-se para o médico)* Então, doutor?

DR. LAMBRETA — Bem, minha senhora, tenho uma má notícia. Infelizmente, confirmaram-se minhas suspeitas.

TIA ASSEMBLÉIA — Que suspeitas?

DR. LAMBRETA — Vamos esperar o pai.

TIA ASSEMBLÉIA — Mas tem cura?

DR. LAMBRETA — Para Deus, nada é impossível, minha senhora.

IVONETE — Eu posso comer de tudo, doutor?

DR. LAMBRETA — Vem cá. Olha pra mim: se eu perguntar uma coisa, você me responde?

IVONETE — O que é?

DR. LAMBRETA — Se me responder, eu te deixo comer de tudo. Responde?

IVONETE — Respondo.

DR. LAMBRETA — Então, vamos lá: você tem namorado?

TIA ASSEMBLÉIA — Oh, doutor!

DR. LAMBRETA — Por que "oh", minha senhora? Ora veja!

TIA ASSEMBLÉIA — Mas ela é tão sem maldade que pensa, até hoje, que mulher pode casar com mulher!

IVONETE — Eu não gosto de homem!

TIA ASSEMBLÉIA — Viu?

DR. LAMBRETA — Mas vamos deixar a menina responder, sim, d. Assembléia?

TIA ASSEMBLÉIA *(irônica)* — Como queira!

DR. LAMBRETA — Tem namorado, riquinha?

IVONETE — Ah, eu não!

DR. LAMBRETA — Nunca teve?

IVONETE — Eu só gosto da Luci!

DR. LAMBRETA — E quem é Luci?

IVONETE — Uma menina!

TIA ASSEMBLÉIA — Se convenceu? Minha sobrinha é uma pétala, doutor!

IVONETE *(dá um berro inesperado)* — Titia!

TIA ASSEMBLÉIA — Que foi?

IVONETE — Estou com vontade de soltar um palavrão!

TIA ASSEMBLÉIA *(agarra-se à sobrinha)* — Prende a boca! Não deixa sair!

IVONETE — Quase!

TIA ASSEMBLÉIA *(sôfrega)* — Passou a vontade?

IVONETE — Graças a Deus!

TIA ASSEMBLÉIA — Bate na madeira, minha filha, isola!

(Neste momento, entra o patético dr. J.B. — Atira-se, de braços abertos, para a filha.)

DR. J.B. — Minha filha!

DR. LAMBRETA — O senhor chegou na horinha!

DR. J.B. — Vocês me deram um susto danado!

DR. LAMBRETA — Mas sente-se!

DR. J.B. — Nunca! Quero receber a notícia de pé!

DR. LAMBRETA — Bem, dr. J.B., dá-se o seguinte: o caso de sua

filha é mais complicado do que parecia!

DR. J.B. — Não é coriza?

DR. LAMBRETA — Pior!

DR. J.B. — Doutor, não me diga que é câncer?

DR. LAMBRETA — Pior!

DR. J.B. — Pior do que câncer?

DR. LAMBRETA — Em certo sentido, sim!

(E, súbito, na sua cólera magnífica, o dr. J.B. abotoa o velhinho.)

DR. J.B. — Seu cachorro, ou você diz o que minha filha tem...

DR. LAMBRETA — Ai, eu digo!

DR. J.B. — Fala!

DR. LAMBRETA *(apavorada)* — Vou falar por parábola. Sua filha precisa casar imediatamente!

DR. J.B. — Casar?

DR. LAMBRETA — O mais depressa possível!

DR. J.B. *(espantado, larga o* velhinho) — Com quem?

DR. LAMBRETA — Com o pai.

DR. J.B. — Que pai?

DR. LAMBRETA — Da criança.

(Dr. Lambreta está recuando circularmente diante do dr. J.B. Este faz um esforço mental em voz alta.)

DR. J.B. — Minha filha precisa casar-se imediatamente com o pai da criança. Muito bem. (com *uma* doçura terrível para o *médico)* E que criança?

DR. LAMBRETA — Dela!

DR. J.B. — O senhor está insinuando que minha filha...

DR. LAMBRETA (com *frenética decisão)* — Vai ser mãe!

DR. J.B. — Repita!

DR. LAMBRETA — Está grávida!

DR. J.B. *(num uivo)* — Minha filha?

DR. LAMBRETA — De dois meses!

(Tia Assembléia agarra-se à sobrinha.)

TIA ASSEMBLÉIA — Cretino!

DR. J.B. — Fauno imundo! Sátiro gagá![21]

DR. LAMBRETA — Não tenho culpa de nada!

(Dr. Lambreta fez de uma mesa uma barricada. Está agachado.)

IVONETE — Vou ter neném!

TIA ASSEMBLÉIA *(esganiçada)* — Cala a boca!

DR. LAMBRETA — Não sou eu quem o diz: é a ciência!

DR. J.B. — Processo a ciência!

TIA ASSEMBLÉIA *(querendo arrastá-la)* — Vem, queridinha!

DR. J.B. *(num berro)* — Espera! *(arqueja)* Quem sabe se... Preciso de uma certeza... Vem cá, velho. Quero saber o seguinte: Você tem certeza, digo certeza absoluta, do que afirma? Tem essa certeza?

DR. LAMBRETA — Infelizmente, sim.

DR. J.B. — Não é possível um engano? Uma confusão? Nada?

DR. LAMBRETA — Nada.

DR. J.B. — E, então, batata?

DR. LAMBRETA — Batata.

DR. J.B. — Acredito, mas só na hipótese da violência... Se eu pego o culpado, ah, dou-lhe um tiro na boca... Minha filha vai dizer um nome e ai dele!... Vem cá, minha filha, vem cá. Senta aí...

TIA ASSEMBLÉIA *(sossega o histerismo)* — Calúnia!

DR. J.B. *(para a cunhada)* — Sossega com esse histerismo! *(para a*

filha) Meu anjo, quem foi?

IVONETE — Eu vou ter neném, papai?

DR. J.B. — Primeiro, responde: você tem algum flerte?

IVONETE — Eu não sei o que é flerte.

(Dr. J.B. ergue-se... Atira os braços para o ar.)

DR. J.B. — Essa inocência desmoraliza qualquer um!

DR. LAMBRETA *(insidioso e ignóbil)* — Nenhum professor te chamou no corredor?

IVONETE — Pra quê?

DR. LAMBRETA *(para o pai)* — Se o senhor me permite, vou ser mais objetivo. Coração, nenhum professor te fez uma festinha? Não?

IVONETE — Eu só brinco com Luci!

DR. LAMBRETA — Também existe a hipótese do narcótico.

DR. J.B. — Ela não dirá um nome, porque não sabe...

DR. LAMBRETA — O senhor tem prestígio, tem jornal. Com um jornal, é fácil arranjar-se marido, amante, ministério!

DR. J.B. — Doutor! Vou providenciar imediatamente um marido! É boa bola! Ao animal que quiser ser pai de araque eu dou um ministério! Está resolvido!

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

(Casa do dr. J.B. Em torno de Ivonete, estão as tias solteironas.)

TIA ASSEMBLÉIA — Coitadinha!

DR. J.B. — Por que coitadinha?

TIA ASSEMBLÉIA — Vai ter neném!

DR. J.B. — E daí?

TIA ASSEMBLÉIA — O parto dói!

DR. J.B. *(aos berros)* — Olha aqui: pára de gemer como uma solteirona de Garcia Lorca{22}! Que mania!

TIA ASSEMBLÉIA — Tão novinha!

DR. J.B. — Deixa de palpite histérico e escuta: temos que ser práticos e objetivos!

TIA SOLTEIRONA — Não acredito que esse anjo possa ter filho de homem! *(para Ivonete)* Teu filho é de homem?

DR. J.B. *(explodindo)* — Basta!

IVONETE *(num grito inesperado)* — Quero ter neném!

TIA ASSEMBLÉIA — Fala baixo!

DR. J.B. — Minha filha, vai ter neném, sim!

IVONETE — Quero ter filho agora!

DR. J.B. *(para a menina)* — Daqui a pouco você tem! *(para as tias)* Estão vendo? É preciso arranjar um pai para o guri, urgentemente!

TIA SOLTEIRONA — Mas que não seja homem! *(para Ivonete)* É verdade que o filho nasce de um beijo?

IVONETE — Não digo!

DR. J.B. — *(aos berros)* Vocês conhecem algum pai? Quero um pai!

IVONETE *(gritando)* — Só quem me beijou foi Luci!

DR. J.B. — Olha aqui: eu sustento vocês a pão-de-ló com leite e vocês não fazem nada. Passam o dia todo cochichando como galinhas de desenho animado! Agora exijo um serviço de vocês: que descubram um pai!

TIA ASSEMBLÉIA — Nós?

DR. J.B. — Vocês, sim! E o mais depressa possível: antes que se note, que se perceba!

TIA SOLTEIRONA — Nós não conhecemos homem!

MADAME CRI-CRI *(entra)* — Oh, *pardon!*

DR. J.B. — Madame, que coincidência! Eu ia telefonar pra senhora agora mesmo! A senhora não imagina, madame!

MADAME CRI-CRI — Eu soube do desgraça!

DR. J.B. — Soube?

MADAME CRI-CRI — O "Repórter Esso"[{23}] deu ediçon extraordinária!

DR. J.B. — *(arrancando os cabelos)* — Mas como?! Essa cidade tem uma imaginação de balde de ginecologista!

MADAME CRI-CRI — Todo o mundo tem o sexo na cabeça!

DR. J.B. — Madame, vou apresentar: minhas cunhadas. Não repare: elas não se casaram... Esta é Madame Cri-cri, minha conselheira...

TIA ASSEMBLÉIA — A senhora não é uma que tem casas abertas?

MADAME CRI-CRI — Mais ou menos. O senhora é mulher honesta?

TIA ASSEMBLÉIA — Honestíssima!

MADAME CRI-CRI — Tem úlcera?

TIA ASSEMBLÉIA — Por quê, madame?

MADAME CRI-CRI — Oh, só acredito mulher honesta com úlcera... O virtude dá azia, úlcera... Mas eu não tem preconceito. Eu falar com mulher honesta... mulher honesta não é pior do que os outras...

DR. J.B. — Madame, a senhora vai-me salvar a pátria!

MADAME CRI-CRI — Esse o seu filha?

DR. J.B. — Sim, madame!

MADAME CRI-CRI — Bonitinha!

IVONETE *(gritando)* — Minha tia fuma no quartinho da empregada!

TIA ASSEMBLÉIA — Menina!

TIA SOLTEIRONA — Ponho você de castigo!

IVONETE — Também vi você dizendo palavrão na

frente do espelho!

TIA ASSEMBLÉIA — Você me paga!

DR. J.B. — Agora sou eu que vou falar e se me interromperem vai ter! Madame, já vi que a senhora é a única pessoa no mundo que pode arranjar um marido para a minha filha. Arranja?

MADAME CRI-CRI — Um marido?

DR. J.B. — Exato!

MADAME CRI-CRI — Oh, não precisa!

DR. J.B. — Como não precisa?

MADAME CRI-CRI — O seu próprio filha escolhe! O corcunda sabe como se ajeita!

DR. J.B. — Madame, afinal, minha filha não tem a sua experiência, por exemplo! Há de escolher mal o marido!

MADAME CRI-CRI — Oh, mulher sempre escolhe mal o marido... Mulher só escolhe bem o amante... Vamos ouvir o opinion do menina!

DR. J.B. — Minha filha, diz pro papai: você tem alguém em vista?

IVONETE — Tenho!

DR. J.B. — Quem?

IVONETE — Luci!

DR. J.B. — Viu, Madame? E inútil! Pelo amor de Deus, Madame, diga onde eu posso descobrir um marido para minha filha? Onde?

MADAME CRI-CRI — Já sei!

DR. J.B. — Diga, madame!

MADAME CRI-CRI — No seu jornal!

DR. J.B. — *(atônito)* — Lá?

MADAME CRI-CRI — No seu jornal não tem homem?

DR. J.B. — Talvez.

MADAME CRI-CRI — Seu filha vai lá e escolhe um.

DR. J.B. *(iluminado)* — Boa bola! — *(para Ivonete)* Minha filha, você vai fazer o seguinte, presta atenção: você vai à redação. Olha: lá tem uma porção de homens. Você escolhe um.

IVONETE — Só um?

DR. J.B. — E basta! Sim, minha filha? Acompanha Ivonete, Assembléia!

IVONETE *(gritando)* — Eu quero homem!

(Saem Ivonete e Assembléia.)

TIA SOLTEIRONA — Madame, a senhora teve muitos amantes?

MADAME CRI-CRI — Assim, assim.

TIA SOLTEIRONA — Quantos?

MADAME CRI-CRI — Três mil e quinhentos.

TIA SOLTEIRONA — Só?

MADAME CRI-CRI — Fora os avulsos!

(Dr. J.B. puxa o relógio e vem até a boca de cena.)

DR. J.B. — Já se passaram duas horas...

(Ivonete e tia Assembléia aparecem na porta.)

DR. J.B. — Que tal?

IVONETE — Escolhi!

DR. J.B. — Quem?

IVONETE — Adivinha!

DR. J.B. — Não faço a mínima!

IVONETE — Vou só dizer as iniciais: Dorothy Dalton!

DR. J.B. (num berro) — O crítico de teatro?

(Dorothy Dalton aparece.)

IVONETE — Vem!

DR. J.B. *(para o futuro genro)* — Dá uma voltinha! *(Dorothy Dalton obedece)* Gira como um modelo profissional!

DOROTHY DALTON — Gostou?

DR. J.B. *(furioso, para as solteironas)* — Vocês, que são mulheres: vocês queriam "isso" para marido?

TODAS — Queríamos!

DR. J.B. — E a senhora, madame? Também aprova?

MADAME CRI-CRI — Tanto faz!

DR. J.B. — Então, já vi que a besta sou eu. E digo mais: mulher não gosta de homem!

DOROTHY DALTON — O senhor só pensa em sexo!

DR. J.B. — Lavo as mãos! Crítico do SAM! E deixa eu ver uma coisa: *(consulta o relógio)* Ih, está quase na hora do casamento!

(O dr. J.B. começa a distribuir chapéus.)

DR. J.B. — Vão-se enchapelando!

TIA ASSEMBLÉIA — Me dá o meu!

DR. J.B. — Tudo pronto?

TIA SOLTEIRONA — Falta o padre!

PADRE *(entrando)* — Também cheguei!

DR. J.B. — Ótimo! Vamos começar. Façam a "Marcha Nupcial" com a boca.

(Os noivos, de braço, caminham numa cadência de marcha nupcial.)

PADRE — Ivonete de Albuquerque Guimarães, é por sua livre e espontânea vontade que vai contrair matrimônio com o crítico Dorothy Dalton?

IVONETE — Sim.

PADRE — Dorothy Dalton, crítico de teatro, foragido do SAM, é por sua livre e espontânea vontade que vai contrair matrimônio com Ivonete de Albuquerque Guimarães?

DOROTHY DALTON — Sim.

PADRE — Assim sendo, declaro-vos marido e mulher.

DOROTHY DALTON — Obrigado.

IVONETE — Meu pai!

DR. J.B. — Minha filha!

(Abraçam-se e beijam-se, pai e filha. O dr. J.B. volta-se para Dorothy Dalton.)

DR. J.B. — Meu genro, só lhe peço uma coisa: seja homem!

DOROTHY DALTON — Isola!

DR. LAMBRETA *(entra de lambreta* pipocando) — Já acabou a cerimônia?

DR. J.B. — Neste instante.

DR. LAMBRETA — Protesto!

DR. J.B. — Que piada é essa?

DR. LAMBRETA — Protesto, sim! Vem cá, padre! *(puxa uma* colher)

PADRE — Mas que é isso?

DR. LAMBRETA — Mostra a língua! (aplica-lhe a colher) Agora, vira!

PADRE — Pra quê?

DR. LAMBRETA — Eu disse vira!

DR. J.B. — Dr. Lambreta, isso aqui não é gabinete ginecológico!

(Dr. *Lambreta está* auscultando o padre.)

DR. LAMBRETA — Diga trinta e três!

PADRE — Trinta e três.

DR. LAMBRETA — Vai ter neném!

PADRE — Quem?

DR. LAMBRETA — Você!

PADRE — Eu?

DR. LAMBRETA — Não sente mexer?

PADRE — Mentira!

DR. LAMBRETA (espeta-lhe o dedo na barriga) — Barriguinha de seis meses!

PADRE *(aos berros)* — Não acreditem! Eu nunca prevariquei!

(Com a colher em riste, dr. Lambreta sai caçando mães.)

DR. LAMBRETA — A senhora vai ser mãe! O senhor também!

TIA ASSEMBLÉIA — Também vou ter?

DR. LAMBRETA — Gêmeos!

TIA ASSEMBLÉIA — Que bom!

(Dr. *Lambreta aproxima-se da tia solteirona.)*

TIA SOLTEIRONA — Eu não quero filho!

DR. LAMBRETA — O que é que você quer?

TIA SOLTEIRONA *(berrando)* — Quero três mil e quinhentos amantes!

(Aparecem dois enfermeiros. Vão-se aproximando. O velhinho recua. Os enfermeiros agarram o velhinho. Este é levado. Alegremente, vai pedalando o ar.)

DR. LAMBRETA — Crescei e multiplicai-vos! *(Saem de cena os enfermeiros e dr. Lambreta.)*

PADRE — Estou sentindo mexer uma coisa aqui dentro!

MADAME CRI-CRI — O senhor evite do próxima vez!

(Padre foge.)

DR. J.B. — Viu, Madame?

MADAME CRI-CRI — Oh, vi!

DR. J.B. — Tudo potoca desse bode ginecológico! Minha filha é mais pura do que nunca!

MADAME CRI-CRI — É da vida!

DR. J.B. — Mas, confesse, Madame, que minha filha merecia outro marido!

MADAME CRI-CRI — Oh, non, non!

DR. J.B. — Por que não, Madame?

MADAME CRI-CRI — Todas casam errado! Fácil encontrar um marido — difícil encontrar um homem!

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

(Em cena: o dr. J.B., o psicanalista, o otorrino, Madame Cri-cri, Diabo da Fonseca e Pardal.)

DR. J.B. — Vocês viram o miserável episódio do consultório!

PSICANALISTA — Vimos!

PARDAL — Uma calamidade em 25 atos e 32 apoteoses[{24}]!

DR. J.B. *(anda de um lado para outro, como um búfalo medonho)* — Minha filha não estava grávida nem aqui, nem na China!

DIABO DA FONSECA — Cáspite!

DR. J.B. — E vocês? Querem saber mais alguma coisa?

OTORRINO — Queremos!

DR. J.B. — Fala!

OTORRINO — O senhor contou o casamento de sua filha com o Dorothy Dalton...

DR. J.B. — Que, como vocês perceberam, é um cretino total.

DIABO DA FONSECA — Apoiado.

OTORRINO — ...mas não contou o mais importante, que é a noite de núpcias.

PSICANALISTA — O colega está com a razão!

DIABO DA FONSECA — Também acho!

DR. J.B. — Quer dizer que vocês sugerem...

OTORRINO — ...que o senhor faça, para nós, a reconstituição da primeira noite!

DR. J.B. — Em todos os seus detalhes?

DIABO DA FONSECA *(esfregando as mãos)* — Queremos a minúcia!

DR. J.B. *(desencadeia a sua atividade)* — Então, vai ser já. Vamos recuar no tempo: estamos na noite de 27 de setembro do ano passado. Minha filha casou-se e vai começar a grande noite. Seu Pardal!

PARDAL — Pronto, mestre!

DR. J.B. — Chama os noivos!

(Pardal põe os dois dedos na boca e dá um assobio agudíssimo. Entram Ivonete e Dorothy Dalton.)

DOROTHY DALTON *(para a noiva)* — Tira a mão!

IVONETE *(dengosa)* — Mascarado!

DR. J.B. *(apontando o Dorothy Dalton)* — Quem diria que a besta do meu genro ia ser atropelado por um papa-filas!

PSICANALISTA *(para Dorothy Dalton)* — Beije tua noiva!

DOROTHY DALTON — Onde?

PSICANALISTA — Na boca!

DOROTHY DALTON — Beija você!

PSICANALISTA *(baixo e faunesco)* — Aproveita, seu burro!

DOROTHY DALTON — Na boca, não beijo!

DIABO DA FONSECA — Começa ou não começa?

DR. J.B. — Os noivos entram no quarto. Faz de conta que vocês estavam lá, orientando minha filha que, como vocês estão vendo, não sabia nem o que era beijo.

IVONETE *(gritando)* — Eu quero um amante!

DR. J.B. — *(baixo, para a filha)* — Sossega o periquito! Olhe que você é ingênua! *(muda de tom)* Não está faltando mais nada?

IVONETE — A cama!

DR. J.B. *(baixo)* — Minha filha, não fala em cama! Na sua inocência, você nem sabe o que é cama! *(para os outros)* Seu Pardal! Traz uma cama, já!

PARDAL — Uma ou duas?

DR. J.B. — Que piada é essa?

PARDAL — Duas de solteiro ou uma de casal?

DR. J.B. — Vocês, que opinam?

MADAME CRI-CRI — Tanto faz!

DR. J.B. — Por quê, Madame?

MADAME CRI-CRI — Na primeira noite vale tudo!

DR. J.B. — Pessoal! Vamos fazer força!

(Todos se erguem e vão buscar a cama.)

DIABO DA FONSECA — Cáspite!

DOROTHY DALTON — Cama pra quem?

IVONETE — Pra nós.

DOROTHY DALTON — Não estou com sono!

IVONETE — Vai mimi comigo!

DOROTHY DALTON — Audácia!

(Os outros estão chegando com a cama.)

DR. J.B. — Força!

PSICANALISTA — Como pesa!

DIABO DA FONSECA *(arquejando do esforço)* — Carambolas!

DR. J.B. — Bem, meus amigos: temos a cama, temos os noivos. Vocês, que são técnicos do sexo, respondam: falta mais alguma coisa?

OTORRINO — Que eu saiba, nada.

DR. J.B. — Então podemos começar? *(puxa* o *revólver, ergue-o como quem vai dar uma partida de natação)* Minha filha, quando eu der o tiro, começa, oficialmente, tua noite de núpcias. Atenção! Um, dois...

IVONETE — Papai, eu vou dormir com quem?

DR. J.B. — Com teu marido!

IVONETE — Deus me livre!

DR. J.B. — Mas é o normal, o direito!

IVONETE — Não quero marido, quero amante!

DR. J.B. — Explica a ela, psicanalista, explica!

PSICANALISTA — D. Ivonete, o senhor seu pai tem toda razão. Na primeira noite, é costume que se conceda ao marido certa prioridade...

MADAME CRI-CRI — O amante vem depois, vem com o tempo!

IVONETE — Quero agora!

OTORRINO — Posso falar?

DR. J.B. — Fala!

OTORRINO — Os senhores estão vendo que, num casamento, o golpe é: quartos separados!

MADAME CRI-CRI — Oh, bobagem!

OTORRINO — Perdão, madame! Insisto. A intimidade do leito em comum sugere grossas bandalheiras!

PSICANALISTA — Protesto!

OTORRINO — Como assim?

PSICANALISTA — O nobre colega já leu o Segismundo{25}?

OTORRINO — Leio X-9{26}!

PSICANALISTA — E acha que o amor é uma bandalheira?

OTORRINO — Entre marido e mulher, sim. Entre marido e mulher, deve haver respeito, sim, senhor. Ou bem o lar é lar ou é gafieira!

PSICANALISTA — O colega está-me ofendendo!

OTORRINO — Por quê?

PSICANALISTA — Eu sou casado!

OTORRINO — E daí?

PSICANALISTA — Olha pra mim!

OTORRINO — Estou olhando!

PSICANALISTA — O senhor me acha com cara de fazer bandalheiras com minha esposa?

OTORRINO — Vocês dormem no mesmo quarto?

PSICANALISTA — Talvez.

OTORRINO *(num berro)* — E na mesma cama?

PSICANALISTA *(berrando também)* — Na mesma cama!

OTORRINO *(noutro berro)* — Então, você é um bode!

(Os dois estufam o peito, um para o outro.)

PSICANALISTA — Repete, se é homem!

OTORRINO *(num berro)* — Bode!

PSICANALISTA *(num berro maior)* — Cabra!

DR. J.B. *(intervém como pacificador)* — Agora cumprimentem-se!

(Psicanalista e otorrino apertam-se as mãos, com a maior dignidade.)

PSICANALISTA — Muito prazer!

OTORRINO — Da mesma forma!

DOROTHY DALTON — Ih, vocês nem atam, nem desatam!

DR. J.B. — Que fogo é esse?

DOROTHY DALTON — Estou com pressa, gente! Vou falecer daqui a pouco atropelado por um papa-filas e a morte me excita às pampas!

MADAME CRI-CRI — O falecido tem razon!

DR. J.B. — Vamos começar outra vez! Tudo o.k.?

DOROTHY DALTON — Estou prontinho há séculos!

DR. J.B. *(ergue novamente o revólver, para a saída natatória)* — Um, dois...

PSICANALISTA — Um momento!

DR. J.B. — Outra vez?

PSICANALISTA — Resta um problema!

DR. J.B. — Mete lá!

PSICANALISTA — Luz acesa ou apagada?

DR. J.B. — Explica-te!

PSICANALISTA — Pergunto: na noite de núpcias é sadio, higiênico e moral deixar tudo aceso ou tudo apagado?

DR. J.B. — Fala, Madame!

MADAME CRI-CRI — No tempo em que o mulher usava cavanhaque no sovaco, o gente fechava o luz!

PSICANALISTA — Eu desejava ouvir a opinião do nosso eminente e corrupto Belzebu. O Belzebu deve ser treinadíssimo. Você é partidário do amor nas trevas?

DIABO DA FONSECA — Eu sou virgem!

MADAME CRI-CRI — Oh, Diabinho do Fonseca!

DIABO DA FONSECA — Madame, a senhora é contemporânea do assassinato de Pinheiro Machado[{27}]. E mulher só me interessa, madame, de 15 anos pra baixo!

MADAME CRI-CRI — Eu ter experiência internacional!

DIABO DA FONSECA — Desencosta!

DOROTHY DALTON — Mas com licença. Está quase na hora do meu atropelamento e eu ainda estou aqui!

DR. J.B. — O falecido tem mais uma vez razão!
Seus palhaços!

PARDAL — Pronto, mestre!

DR. J.B. (puxa *outra vez o revólver e vai atirar para o alto)* — Já que vocês não dizem coisa com coisa, eu vou dar a saída no peito. E é já!

(Dá o tiro. Ivonete está sentada numa extremidade da cama, Dorothy Dalton na outra.)

PARDAL — Pode começar, d. Ivonete!

IVONETE — Com o meu marido, não!

PARDAL — Mas ó, d. Ivonete! Se não for com seu marido, há de ser com quem, d. Ivonete?

IVONETE — Com você, talvez!

PARDAL — Comigo?

IVONETE — Você!

PARDAL *(recua diante de Ivonete, que avança lentamente para ele)* — Mas eu sou um simples pé-rapado, um borra-botas, afinal de contas!

IVONETE — Sim ou não?

PARDAL — E, além disso, hoje tem uma estréia teatral, e eu vou substituir seu marido, vou fazer a crítica!

DR. J.B. — Isso mesmo! Chispa, Pardal!

PARDAL — Então, com licença, está na hora!

DR. J.B. — Volta, Pardal!

PARDAL — Chamou, ilustre?

DR. J.B. — Que *gaffe*[{28}] é essa? Então, o senhor tem a coragem de ir para o teatro com esses modos varonis, essa masculinidade repelente?

PARDAL *(humilde)* — É que, desgraçadamente, eu sou como o chinês da anedota — homem pra chuchu!

DR. J.B. — Mas não devia! No Brasil, o bom gosto nunca foi qualidade de homem! Repare em certos críticos da nova geração: são como o nosso Dorothy Dalton. Procure imitá-los. Vamos fazer um teste!

PARDAL — Pois não, mestre!

DR. J.B. — Me chama de mestre com outra voz! Outra voz, Pardal!

PARDAL *(adquire os ademanes do Dorothy Dalton. Falando fino)* — Mestre!

DR. J.B. — Muito homem ainda! Capricha, seu Pardal! Vamos lá!

PARDAL *(dando adeuzinho)* — Mestre!

DR. J.B. — Não convence! Sente-se em você o fauno hediondo,

que não respeita nem carrocinha de chicabon!

PARDAL — O azar é meu!

DOROTHY DALTON — Então, eu vou!

DR. J.B. — E tua noite de núpcias, seu zebu?

DIABO DA FONSECA — *(soprando)* — Não ofende os zebus!

DR. J.B. — Queres largar tua esposa?

DOROTHY DALTON — Com tanto homem aí, o senhor cismou logo com a minha cara, é?

DR. J.B. — E você, minha filha, deixa? Não se incomoda?

IVONETE — Nem um tiquinho!

DR. J.B. *(escorraçando-o)* — Lavo minhas mãos. E desinfeta!

DOROTHY DALTON — *Aurevoir! (sai)*

DR. J.B. — Minha filha, vamos conversar!

IVONETE — Ah, papai, o senhor é chato!

PSICANALISTA — O papel da família é ser chata ou, então, não é família, é mafuá[{29}]!

DR. J.B. — Viu, minha filha? Meu dever de pai é ser chatérrimo!

MADAME CRI-CRI — Lógico!

DR. J.B. — Você está certa, pergunto, rigorosamente certa — vê bem! — que o Pardal é teu tipo?

IVONETE — Serve!

DR. J.B. — Só?

DIABO DA FONSECA — Posso dar meu palpite?

DR. J.B. — Com a palavra o Satanás!

DIABO DA FONSECA — Obrigado. *(para Ivonete)* A senhora já mediu bem as conseqüências do seu ato? Note bem: trair é mais importante que casar. Casar qualquer um casa, mas trair exige classe! Pensou bem?

IVONETE — Pensei.

DIABO DA FONSECA — Sirva-se, então!

DR. J.B. — Pardal!

PARDAL — Presente!

DR. J.B. — Submeta-se!

PARDAL — Sempre!

DR. J.B. — Quando eu disser três, já sabe! Um, dois...

(Neste momento, sai de debaixo da cama o dr. Lambreta.)

DR. LAMBRETA — Parem!

MADAME CRI-CRI — Dr. Lambreta!

PSICANALISTA — Fugiu do hospício?

DR. LAMBRETA *(espetando o dedo no peito do psicanalista)* — Hospício, os colarinhos!

DR. J.B. — Mas que é isso, dr. Lambreta?

DR. LAMBRETA — "Que é isso?" pergunto eu. O que é que vocês estão fazendo aqui?

DR. J.B. — Minha filha vai prevaricar.

DR. LAMBRETA — Quando?

DR. J.B. — Agora.

DR. LAMBRETA — Às escondidas?

DR. J.B. — Natural!

DR. LAMBRETA — Protesto!

DR. J.B. — Por quê, dr. Lambreta?

DR. LAMBRETA — Sua filha não casou com sanduíche, guaranás e convidados?

DR. J.B. — Casou.

DR. LAMBRETA — Portanto, exijo que ela prevarique com a mesma pompa. O que estraga o adultério é a clandestinidade. Não, senhor, não admito. Vamos oficializar o troço. Não falta mais ninguém?

DR. J.B. — Faltam os sanduíches!

DR. LAMBRETA — Vai sem sanduíche! E quem é o amante?

PARDAL — Eu.

DR. LAMBRETA *(para Ivonete) — Com essa cara?*

IVONETE *(cantarola dando os passos de dança infantil)* — Eu vou prevaricar, eu vou prevaricar!

DR. J.B. — Essa inocência mata!

DR. LAMBRETA — Vem cá, meu bibelô! Agora você, Diabo!

DIABO DA FONSECA — Eu?

DR. LAMBRETA — Você. Olha: você vai unir esses dois, mas capricha, hem? Vamos solenizar as núpcias ilícitas.

DIABO DA FONSECA — Ivonete de Albuquerque Guimarães, é por sua livre e espontânea vontade que deseja trair o seu marido, o crítico teatral Dorothy Dalton?

IVONETE — Mas claro!

DIABO DA FONSECA — Pardal não sei de quê, é por sua livre e espontânea vontade que deseja prevaricar com Ivonete de Albuquerque Guimarães?

PARDAL — Exatamente.

DIABO DA FONSECA — Declaro-vos amantes, até segunda ordem. (Pardal *roça os lábios na testa de Ivonete)* Meus filhos, na união de um homem e de uma mulher, o que interessa
não é a cama, não é o quarto, não é a sala, e sim o banheiro. "O banheiro", disse eu e repito.

DR. J.B. — Mais discurso, oh!

DIABO DA FONSECA — Pergunto: qual é o único cômodo metafísico da casa? O banheiro! Sim, meus caros amantes: o banheiro tem um trono, no uso do qual o homem vira um "Rei Lear"[{30}]. E digo mais: o banheiro é tão importante que é nele que morre o amor.

PSICANALISTA — Licença para um aparte?

DIABO DA FONSECA — Com prazer.

PSICANALISTA — O que V. Ex.ª está dizendo não é científico!

DIABO DA FONSECA — Pode não ser científico, mas é batata! Eu disse que o amor morre no banheiro e provo. Quando um cônjuge bate na porta do banheiro e o outro responde lá de dentro: "Tem gente!", não há amor que resista!

DR. J.B. — Já acabou?

DIABO DA FONSECA — Estou no fim. Portanto, nada de camas, nem de quartos separados. Separação sim, de banheiros. *(baixo, intencional)* Cada um deve ter seu trono exclusivo. Acabei.

DR. LAMBRETA — Eu vou-me embora!

DIABO DA FONSECA — Fique mais um pouco!

DR. LAMBRETA — Não posso. Quando eu me demoro, ela fica pipocando na cama.

DIABO DA FONSECA *(faunesco)* — Pipocando?

DR. LAMBRETA *(idem)* — Estou amigado com uma lambreta!

DIABO DA FONSECA — Boa?

DR. LAMBRETA — Bom sou eu. Ótima!

DIABO DA FONSECA — Cáspite!

DR. LAMBRETA — Adeus, macacada! *Au revoir! (sai)*

TIA ASSEMBLÉIA — *(entra, furiosa)* — Já acabou?

DIABO DA FONSECA — O quê, Madame?

TIA ASSEMBLÉIA — Pergunto se acabou a cerimônia.

DIABO DA FONSECA — Acabou!

TIA ASSEMBLÉIA *(frenética)* — Falta de respeito. Não me avisaram que a minha sobrinha ia prevaricar!

DR. J.B. *(rosnando)* — Os convites não ficaram prontos!

IVONETE — Titia!

TIA ASSEMBLÉIA — Meu anjo!

IVONETE — Tenho um amante, titia!

TIA ASSEMBLÉIA — Empresta, quer dizer, só um?

IVONETE — Que ótimo, não é, titia?

TIA ASSEMBLÉIA *(fremente)* — Ótimo coisa nenhuma, menina!

DR. J.B. — Não é bom?

TIA ASSEMBLÉIA — Desaforo muito grande! Onde já se viu? Enquanto minha sobrinha tem um, e eu nenhum, a Madame, ali, teve 3.500! Não teve?

MADAME CRI-CRI — Tive.

TIA ASSEMBLÉIA — Viu?

DR. J.B. — Basta! Ninguém pia mais aqui! Vou apagar a luz para uma transição de tempo! Quando eu acender, estaremos no dia seguinte!

(Breve escuridão. Quando acende, de novo, a luz, está tudo mudado: Ivonete sentada no colo do diabo, Madame no colo do *psicanalista, tia Assembléia no colo de Pardal.)*

PSICANALISTA — Estamos no dia seguinte?

DR. J.B. — Exato!

OTORRINO — Pelo que vejo houve o diabo na escuridão!

PARDAL — Nem fala! *(dá um súbito berro)* Fui traído!

OTORRINO — Eu também!

PSICANALISTA — E eu!

PARDAL *(para Ivonete)* — Você traiu seu marido comigo. A mim com o psicanalista!

PSICANALISTA — A mim com o otorrino!

OTORRINO — E eu com o Diabo da Fonseca!

IVONETE *(salta amarelinha)* — Que bom!

CORO DOS TRAÍDOS — E confessas?

IVONETE — Confesso!

PSICANALISTA *(soluçando como um bebê chorão)* — Aproveitou a

escuridão e fez o circuito dos três.

DIABO DA FONSECA — Quatro.

PSICANALISTA — Dos quatro.

MADAME CRI-CRI — Oh, eu também tirei o meu casquinha!

TIA ASSEMBLÉIA *(para Pardal)* — Você é muito levado!

IVONETE *(fala com voz e modos de menina melíflua)* — Olha, papai: a Luci me disse que nenhuma mulher pode gostar do mesmo homem por mais de quarenta minutos. E, agora, silêncio, porque está na hora da novela e eu vou ouvir a novela[{31}].

MADAME CRI-CRI — Homem gosta de ser traído!

(Ivonete liga o rádio.)

REPÓRTER ESSO — Atenção! Atenção. Conforme o "Repórter Esso" anunciou em edição extraordinária, faleceu, esta madrugada, conhecido crítico teatral da nova geração e fugitivo do SAM, Dorothy Dalton. O extinto foi atropelado, segundo uns, por um papa-filas, segundo outros, por uma carrocinha de chicabon.

IVONETE (trágica) — Morreu?

(Todos se precipitam para a viúva.)

DR. J.B. — Parabéns!

OTORRINO — Que sorte!

DIABO DA FONSECA — Está pra nós!

PSICANALISTA — Que esta data se reproduza!

(Todos falam ao mesmo tempo.)

IVONETE — Papai, sou então viúva?

DR. J.B. — Viuvíssima!

IVONETE — Não me sento mais!

DR. J.B. — Que palpite é esse?

MADAME CRI-CRI — O viuvez é um bilhete premiado!

IVONETE — (recua diante dos *outros, abismados)* — E quem foi meu amante, que suma, já!

(Diabo da Fonseca, Pardal, otorrino e psicanalista estão recuando. Colocam-se numa extremidade do palco.)

DR. J.B. — Minha filha, nem oito nem oitenta. Teu marido não era cretino?

IVONETE — Foi.

DR. J.B. — E não é?

IVONETE — Deixou de ser. Papai, a Luci me disse, espia só: o grande marido é o que morreu. O único que merece fidelidade. Papai, todos os amantes, que eu ia ter, que estavam programados, eu passo adiante.

TIA ASSEMBLÉIA — Chuta pra mim!

IVONETE — Toma, Assembléia!

(Vai saindo tia Assembléia, com Ivonete. *Aproximam-se os outros, com o Diabo à frente.)*

DIABO DA FONSECA — Cáspite!

PARDAL — Mestre!

DR. J.B. — Fala, Pardal!

PARDAL — Dá gosto ver uma dor assim, bacana!

DR. J.B. — Agora, vamos fazer uma nova transição de tempo. Passaram-se seis meses de viuvez. E minha filha que, na noite de núpcias, conseguiu trair o marido cinco vezes...

DIABO DA FONSECA — Quatro.

DR. J.B. — ...ou quatro, minha filha adquiriu um pudor bestial, (baixo) Toma banho de galochas!

MADAME CRI-CRI — Sua filha é o único pudor da América do Sul!

DR. J.B. — Chamei vocês, que são donos da matéria, e torno a perguntar: a viuvez tem cura?

OTORRINO *(para o psicanalista)* — Tem?

(Silêncio do psicanalista.)

DIABO DA FONSECA — Fala, psicanalista!

(Silêncio do psicanalista.)

OTORRINO — Não falas?

(Mais *silêncio.)*

DR. J.B. — Desembucha!

(Mais silêncio. Então, o dr. J.B. agarra o psicanalista pela gola e sacode-o.)

PSICANALISTA *(apavorado)* — Repito: pago os meus fornecedores com o meu silêncio. Sou o silêncio mais bem pago do Brasil.

DR. J.B. — Adiante. E tu, otorrino?

OTORRINO — Sugiro uns gargarejos, ou umas pinceladas.

DR. J.B. — Madame, a senhora que já viu coisas do arco-da-velha, promova uma solução, Madame.

MADAME CRI-CRI — Toma nota.

DR. J.B. — Pode dizer.

MADAME CRI-CRI — Arranje um sujeito. Bem boçal.

DR. J.B. (que *está tomando nota)* — Boçalíssimo.

MADAME CRI-CRI — Analfabeto.

DR. J.B. — Continue.

MADAME CRI-CRI — Bonito.

DR. J.B. — Boçal, analfabeto e bonito. Que mais?

MADAME CRI-CRI — O sujeito vem, pega o seu filha e dá uma surra no seu filha!

DR. J.B. — Surra?

MADAME CRI-CRI — A mulher tem nostalgia do surra. Uns pancadinhas salvam o mulher do neurastenia conjugal.

DR. J.B. — Mas seria um amante e minha filha não trai o morto nem a muque. Resta o Diabo da Fonseca. Tens alguma idéia?

DIABO DA FONSECA — Talvez.

DR. J.B. — Oh, graças!

DIABO DA FONSECA — Primeiro eu vou telefonar.

DR. J.B. — Pra onde?

DIABO DA FONSECA — Agüenta a mão. *(está ligando)* É o inferno? Me chama o Carrapeta? (tapa o *fone e para os demais)* O Carrapeta é meu chapa. Alô? Carrapeta? Sou eu, Carrapeta. Vai-se navegando. Carrapeta, preciso de um favor teu, de mãe pra filho caçula. Examina aí no fichário se tem um crítico da nova geração, que foi atropelado por uma carrocinha de chicabon. Procura na letra C. Não é V. C, seu zebu! Escuta, Carrapeta: C e não V. Não tem na C? E na V? Achaste? (põe *a mão no fone e vira-se para os demais)* Estão pondo certos críticos teatrais da nova geração na letra V. *(destapa o fone)* Dorothy Dalton, sim, esse, esse mesmo!

DR. J.B. — Acharam?

DIABO DA FONSECA *(com a mão no fone)* — Batata! *(de novo para o inferno)* Faz o seguinte, Carrapeta, presta atenção: manda esse animal para cá. Agora mesmo. Manda pela Western{32}. És uma mãe, Carrapeta, *(desliga)* Tudo arranjado!

DR. J.B. — Arranjado o quê?

DIABO DA FONSECA — Chame sua filha, incontinênti.

DR. J.B. — Pra quê?

DIABO DA FONSECA — Não discuta!

DR. J.B. — Pardal!

PARDAL — Mestre!

DR. J.B. — Chame minha filha!

(Sai correndo Pardal.)

DIABO DA FONSECA — Dei o maior golpe da minha vida. Vocês vão ver o que é classe, *(entram Ivonete e Pardal)* Dona Ivonete, acabei de fazer uma coisa que me dá direito de chamá-la "minha"!

PARDAL — Sua?

DIABO DA FONSECA — Minha!

PSICANALISTA — Nossa!

DIABO DA FONSECA — Minha!

OTORRINO — Nossa!

IVONETE *(gritando, feroz)* — De ninguém!

DIABO DA FONSECA — Tem certeza?

IVONETE — Eu pertenço a um túmulo!

DIABO DA FONSECA — Já que é assim, eu vou fazer, aqui, uma despretensiosa mágica: vem, Dorothy Dalton, vem das profundas do inferno, vem, aparece, Dorothy Dalton...

(Todos se voltam. Então, há uma explosão de magnésio e surge o Dorothy Dalton.)

DR. J.B. — Milagre!

DIABO DA FONSECA *(rápido, agarra Ivonete. Abraça a menina)* — Vê a minha classe: ressuscitei teu marido. Ele está vivo. Segura, apalpa. Vivo e imbecil como qualquer outro. Podes traí-lo, não é, e aqui, com teu querido Belzebu, não é, minha bichinha?

IVONETE — Vivo! *(aproxima-se do marido)*

DOROTHY DALTON — Que é que estão me olhando?

IVONETE — Cretino!

DOROTHY DALTON — Nunca me viram?

DIABO DA FONSECA — Minha, portanto!

PARDAL — Nossa!

PSICANALISTA — É sua, por quê? Você, seu Belzebu,
nem devia entrar em casa de família!

DIABO DA FONSECA — Que família? A tua? A dele? E vou provar o seguinte, querem ver? Que é falsa a família, falsa a psicanálise, falso o jornalismo, falso o patriotismo, falsos os pudores, tudo falso! *(põe-se no meio do palco e berra)* Olha o rapa[{33}]!

(Pânico no palco. O psicanalista, o otorrino, o Pardal, o diretor do jornal, a Solteirona, todos se atiram do palco para a platéia, num terror cósmico.)

DIABO DA FONSECA — Nem a Solteirona escapou: tem amantes aos borbotões. O diretor de jornal vende o Brasil; o redator-chefe vende a família. O psicanalista não cura nem brotoeja; o otorrino só lê Brucutu[{34}].

IVONETE — E nós?

DIABO DA FONSECA — Tu és a legítima messalina de rancho.

DOROTHY DALTON — Que chique!

IVONETE — Cartaz!

DOROTHY DALTON — Não sei por que vocês gostam tanto de mulher!

DIABO DA FONSECA — Madame Cri-cri é essa cordial hediondez em flor, com o seu tráfico de brancas. O Dorothy Dalton, o crítico da nova geração, é o abjeto confesso e inefável.

DOROTHY DALTON — A única coisa que eu admiro nas mulheres é que elas não cospem na rua.

DIABO DA FONSECA — E, agora, seu Dorothy Dalton: olha pra lá.

MADAME CRI-CRI — Eu vou chegando. Vou ver meus meninas. (sai)

DOROTHY DALTON — *(vai ler um gibi[{35}])* — Minha vingança é que

ela vai-te trair, direitinho.

DIABO DA FONSECA — Não faz mal. Bobo é aquele que ama sem esparadrapo. *(beijo final)*

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO

ROTEIRO DE LEITURA

FLÁVIO AGUIAR{36}

APRESENTAÇÃO DA PEÇA

Viúva, porém honesta é uma peça que se apresenta como uma "farsa irresponsável".

A palavra "farsa" tem relação com a palavra francesa *farce*, que quer dizer recheio. *Farcir,* em francês, quer dizer rechear. A farsa, portanto, é aquilo que recheia, que preenche. Recheia o quê? O tempo. Hoje nós diríamos que faz o tempo passar.

A farsa surgiu e se consolidou como gênero teatral na sociedade medieval européia. Era representada durante as reuniões das corporações como um divertimento, uma recreação, que "preenchia", ou "recheava" o tempo. No nosso sentido moderno, um passatempo.

Não havia atores profissionais: eram os próprios membros das corporações que desempenhavam os personagens. Mas foi do seu desempenho que começou a nascer a moderna concepção de ator profissional. As farsas tinham um caráter cômico. Seguindo a lição antiga sobre a comédia, ao fazer rir, exibiam e criticavam os maus costumes. E como eram representadas por membros das próprias corporações, exageravam nas caricaturas. Criticavam a corrupção, os exageros, e para manter a atenção carregavam nas tintas, resultando daí um estilo peculiar e próprio, que atravessou séculos e sobreviveu até os nossos dias.

Nenhum personagem, numa farsa, deve ser levado a sério. O teatro farsesco exibe as fraquezas do ser humano, o caráter falível das suas iniciativas, sua tendência para corromper ou se deixar corromper. Ao mesmo tempo expõe sua difícil luta para atingir os objetivos mais simples numa sociedade adversa onde todos manipulam todos em nome de seus interesses quase sempre inconfessáveis.

A palavra "irresponsável", acrescida à de "farsa" nesta peça, acrescenta o

sentido de que o deboche, a sátira, a crítica à falta de moralidade social foram levados ao limite. E nisto está a contribuição do teatro e desta peça de Nelson Rodrigues para a compreensão da sociedade brasileira. Esta parece ser composta de personagens que continuamente fingem ser o que não são. Todos, os médicos, os jornalistas, os travestis, as tias, a ex-cocote, o padre, usam do seu saber e de sua posição para finalidades que não podem confessar. É uma sociedade em que todos se igualam na hipocrisia.

De certo modo até a viúva, apresentada como "honesta", se iguala aos demais. A viúva que deseja casar de novo é uma personagem característica da comédia. Em geral nas peças é uma mulher já de certa idade que disputa pretendentes com as mulheres mais novas. É uma personagem muito característica das comédias de costumes brasileiras, como as de Martins Pena (1815-1848). Em sua comédia O noviço, por exemplo, uma viúva que casou de novo deseja impedir o casamento de seus filhos para agradar ao segundo esposo, que na verdade é um malandro e bígamo.

Na peça de Nelson Rodrigues temos uma viúva duplamente farsesca. Aparentemente ela seria, no campo teatral, a exceção que confirmaria a regra. Seria uma viúva "honesta", isto é, neste contexto, que desejaria permanecer fiel à memória do finado marido. Em meio a um conjunto de personagens caricatos, um pai sem ética na sua vida privada e profissional, médicos charlatães e outros tipos interesseiros, ela seria o exemplo de pessoa virtuosa.

Mas desde logo tomamos contato com seus hábitos estranhos, como o de não se sentar, que suscitam dúvidas sobre sua razão e as razões de seu comportamento. Por fim ela se revela uma pessoa que não só consente num casamento de puro interesse e de fachada, como mostra ter apetites completamente desregrados, preferindo ter muitos amantes.

O teatro de Nelson Rodrigues e os seus personagens se revestem assim de um significado preciso, cultural, social e estético. São sobreviventes de um ética ou moral próprias de uma sociedade à antiga, carregada de moralismos e de comportamentos convencionais, mas que agora só servem para recobrir, sem

sequer disfarçá-los, os verdadeiros interesses e sentimentos em jogo, inconfessáveis. Para esse mundo em que a mentira é a regra e a verdade a exceção, a única modalidade possível de expressão é a caricatura, o grotesco, e portanto a farsa e sua estética dos exageros. Mas nada deve ser levado muito a sério, como é próprio do gênero. Assim como todos têm algo de corrupto, todos têm algo de simpático para o público, pois sua função, como personagens, é divertir, fazer passar ("rechear") o tempo de modo agradável e, por que não, divertido. E isto eles conseguem.

SUGESTÕES DE TRABALHO

1. A turma deve se dividir em grupos que tomarão para si um personagem da farsa. Todos devem se pôr de acordo para não haver repetições. Cada um dos grupos deve analisar as características do "seu" personagem: levantar tudo o que puder sobre sua história, seus valores — os que diz defender e os que pratica de fato — seus desejos, suas fraquezas, sua força, o que faz e o que deixa de fazer e assim por diante. Deve também levantar tudo sobre de que modo os outros personagens o vêem. Depois desse levantamento, o grupo deve discutir como seria aquele personagem, que valores teria, o que faria nas circunstâncias da peça, que destino teria e como os outros o veriam se ele (ou ela) fosse sério. Daí os grupos devem expor a sua visão dos personagens vistos agora como "sérios" em meio a uma sociedade corrupta como a que aparece na peça. Nessa visão os grupos devem expor qual seria a reação do personagem diante dos acontecimentos protagonizados pelos outros e sobretudo quais seriam as opções que ele teria. Depois das exposições os grupos devem se reunir novamente e reescrever uma das passagens da peça, mas compondo os diálogos como se os personagens (todos) e suas atitudes fossem sérios. Feito isto, os grupos devem ler dramaticamente os seus diálogos para a classe. O exercício deve terminar com uma discussão: o que parece mais verossímil como "retrato da sociedade" — o tom de farsa ou o tom sério? Por quê?

2. A personagem da viúva ainda jovem e o título da peça, Viúva, porém honesta, parecem adequados como retrato da sociedade brasileira dos anos cinqüenta do século passado. Então começavam a haver mudanças de modo muito rápido nos comportamentos sociais e individuais. De uma sociedade tradicional, em que 70% da população vivia no campo, com costumes estáveis e conservadores, passávamos a uma sociedade urbana e industrial com costumes e hábitos que espantariam os nossos antepassados. Mas é claro que

ainda hoje em dia o adjetivo "honesto" é importante em nossa vida cultural, política, social etc. Basta ver a importância crescente que se dá às denúncias de corrupção na mídia, por exemplo. Em função disso a turma pode se dividir em duplas ou grupos de no máximo três pessoas e discutir a que tipo de personagem, numa peça que denunciasse a corrupção hoje, em tom de farsa, caberia melhor a qualificação de Nelson Rodrigues "porém honesto", ou "porém honesta". Por exemplo: "Político, porém honesto." Ou "Contrabandista, porém honesta." Ou ainda outros exemplos que o grupo possa pensar. Definido esse tipo central, a dupla ou trio deverá criar um diálogo, uma cena, ou mesmo um ato ou uma peça para seu personagem, sempre no tom debochado da farsa. Depois os pequenos grupos lerão suas produções para os colegas que poderão escolher a melhor. Esta será divulgada do melhor modo possível na escola: no jornal, no mural, na internet etc.

GLOSSÁRIO DE TERMOS TEATRAIS

Apresentamos a seguir alguns termos próprios da carpintaria teatral, isto é, da estrutura básica de uma peça, da montagem e do espaço cênico, que podem ajudar a compreender a sua leitura e o andamento do espetáculo, por serem recorrentes na dramaturgia de Nelson Rodrigues.

ARQUITETURA CÊNICA ver Cenografia.

ATO subdivisão da ação de uma peça, que em geral compreende uma unidade temporal e desenvolve um estágio, ou fase, do conflito e da trama entre os personagens.

ATOR profissional que representa papéis ficcionais no teatro. O ator como profissional remunerado, que ganha a vida com as representações que faz, surgiu com o teatro moderno, no fim da Idade Média e começo da Renascença.

BASTIDOR originalmente a palavra designava os espaços laterais ao palco. Hoje designa tudo o que está fora do palco, ou das vistas do espectador. Uma ação que se desenvolve mas que o espectador não presencia se passa no bastidor.

CENA em geral a cena designa a menor subdivisão da ação de um ato, tendo um único espaço por cenário e um número fixo de personagens. A mudança de espaço ou a entrada ou a saída de um personagem implicam o fim de uma cena e o começo de outra. A palavra pode designar também o espetáculo em si; assim, quando um ator entra no palco se

diz que ele está em cena.

CENÁRIO essa palavra designa tanto o espaço físico construído no palco, com as pinturas, móveis, biombos e outros elementos postos em cena, quanto o espaço ficcional criado na peça. Daí se pode dizer, por exemplo, que o cenário de uma peça é de fulano de tal, o cenógrafo. Por outro lado, pode-se dizer também que as peças de Nelson Rodrigues em geral têm o Rio de Janeiro por cenário.

CENOGRAFIA (ou Arquitetura cênica) a cenografia de uma peça compreende o cenário; mas compreende também toda a concepção conceituai do espaço cênico, se ele será realista, fantasioso, de sonho, de pesadelo, surreal, envolvendo também a movimentação da cena, a iluminação, se as mudanças de cenário serão feitas à vista do público ou não, se o palco será dividido em vários espaços etc.

DIREÇÃO a direção, privilégio do diretor ou encenador, corresponde à concepção do espetáculo como um todo, incluindo a atuação dos atores, o modo de falarem, se posicionarem e se movimentarem, além de determinar a cenografia, o tipo de cenário etc. Ao contrário do que se pensa em geral, o diretor é um personagem muito recente no teatro, do fim do século XIX, quando o teatro dito realista começou a ceder espaço para as experiências de vanguarda.

FIGURINO refere-se à concepção e execução do que os artistas vestem.

LUZ EM RESISTÊNCIA é um efeito de iluminação comum nas peças de Nelson Rodrigues pelo efeito de "sonho" que pode criar. Aumentar a intensidade da luz ou diminuí-la, ou ainda fazê-la variar durante o espetáculo são efeitos de luz em resistência.

MISE-EN-SCÈNE expressão francesa que designa o processo de concepção e de montagem de um espetáculo que traduz ou constrói um texto, pondo-o em cena.

PALCO espaço do teatro onde se dá propriamente a representação, visível ao público. Nossa noção comum de palco e de teatro é o que se designa como italiano, e que o separa completamente da platéia, que fica no escuro enquanto ele é iluminado. Mas nem sempre o teatro foi ou é representado num espaço desse tipo. O teatro pode ser de arena, ou os espectadores podem ficar no meio dos atores etc. Mas as peças de Nelson Rodrigues foram pensadas em geral para uma representação no tradicional palco italiano.

QUADRO designa um cenário fixo em tempo contínuo que pode prevalecer durante várias cenas. Ao se mudar o cenário ou o tempo da representação (da aurora para o crepúsculo, por exemplo) muda-se o quadro.

RUBRICA a palavra designa os apontamentos (em geral impressos em itálico) que o autor põe no texto da peça e que orientam o comportamento dos atores, a visão do diretor, ou descrevem o cenário, a cena, situam a época etc. A palavra rubrica vem do fato de que nos antigos missais as descrições de como os assistentes ou oficiantes deviam

se portar (em pé, sentados, de joelhos etc.) eram feitas com tinta vermelha, rubra. O conjunto de rubricas se chama didascália.

NELSON RODRIGUES E O TEATRO

Nelson Rodrigues nasceu em Recife, em 1912, e morreu no Rio de Janeiro, em 1980. Foi com a família para a então capital federal com sete anos de idade. Ainda adolescente começou a exercer o jornalismo, profissão de seu pai, vivendo em uma cidade que, metáfora do Brasil, crescia e se urbanizava rapidamente. O país deixava de ser predominantemente agrícola e se industrializava de modo vertiginoso em algumas regiões. Os padrões de comportamento mudavam numa velocidade até então desconhecida. O Brasil tornava-se o país do futebol, do jornalismo de massas, e precisava de um novo teatro para espelhá-lo, para além da comédia de costumes, dos dramalhões e do alegre teatro musicado que herdara do século XIX.

De certo modo, à parte algumas iniciativas isoladas, foi Nelson Rodrigues quem deu início a esse novo teatro. A representação de *Vestido de noiva*, em 1943, numa montagem dirigida por Ziembinski, diretor polonês refugiado da Segunda Guerra Mundial no Brasil, é considerada o marco zero do nosso modernismo teatral.

Depois da estréia dessa peça, acompanhada pelo autor com apreensão até o final do primeiro ato, seguiram-se outras 16, em 30 anos de produção contínua, até a última, A *serpente*, de 1978. Não poucas vezes teve problemas com a censura, pois suas peças eram consideradas ousadas demais para a época, tanto pela abordagem de temas polêmicos como pelo uso de uma linguagem expressionista que exacerbava imagens e situações extremas.

Além do teatro, Nelson Rodrigues destacou-se no jornalismo como cronista e comentarista esportivo; e também como romancista, escrevendo, sob o pseudônimo de Suzana Flag ou com o próprio nome, obras tidas como sensacionalistas, sendo as mais importantes *Meu destino é pecar,* de 1944, e

Asfalto selvagem, de 1959.

A produção teatral mais importante de Nelson Rodrigues se situa entre *Vestido de noiva,* de 1943 — um ano após sua estréia, em 1942, com A *mulher sem pecado* — e 1965, ano da estréia de Toda *nudez será castigada*.

Neste período, o Brasil saiu da ditadura do Estado Novo, fez uma fugaz experiência democrática de 19 anos e entrou em outro regime autoritário, o da ditadura de 1964. Os Estados Unidos lutaram na Guerra da Coréia e depois entraram na Guerra do Vietnã. Houve uma revolução popular mal sucedida na Bolívia, em 1952, e uma vitoriosa em Cuba, em 1959. Em 1954 o presidente Getúlio Vargas se suicidou e em 1958 o Brasil ganhou pela primeira vez a Copa do Mundo de futebol. Dois anos depois Brasília era inaugurada e substituía o eterno Rio de Janeiro de Nelson como capital federal. A bossa nova revolucionou a música brasileira, depois a tropicália, já a partir de 1966.

Quer dizer: quando Nelson Rodrigues começou sua vida de intelectual e escritor, o Brasil era o país do futuro. Quando chegou ao apogeu de sua criatividade, o futuro chegava de modo vertiginoso, nem sempre do modo desejado. No ano de sua morte, 1980, o futuro era um problema, o que nós, das gerações posteriores, herdamos.

Em sua carreira conheceu de tudo: sucesso imediato, censura, indiferença da crítica, até mesmo vaias, como na estréia de *Perdoa-me por me traíres,* em 1957. A crítica fez aproximações do teatro de Nelson Rodrigues com o teatro norte-americano, sobretudo o de Eugene O'Neill, e com o teatro expressionista alemão, como o de Frank Wedekind. Mas o teatro de Nelson era sempre temperado pelo escracho, o deboche, a ironia, a invectiva e até mesmo o ataque pessoal, tão caracteristicamente nacionais. Nelson misturou tempos em mitos, como em *Senhora dos afogados,* onde fundem-se citações de Shakespeare com o mito grego de Narciso e o nacional de Moema, nome de uma das personagens da peça e da índia que apaixonada por Diogo de Albuquerque, o Caramuru, nada atrás de seu navio até afogar-se, imortalizada no poema de Santa Rita Durão, *Caramuru.*

Todas as peças de Nelson Rodrigues parecem emergir de um mesmo núcleo, onde se misturam os temas da virgindade, do ciúme, do incesto, do impulso à traição, do nascimento, da morte, da insegurança em tempo de transformação, da fraqueza e da canalhice humanas, tudo situado num clima sempre farsesco, porque a paisagem é a de um tempo desprovido de grandes paixões que não sejam a da posse e da ascensão social e em que a busca de todos é de certa forma a venalidade ou o preço de todos os sentimentos.

Nesse quadro vale ressaltar o papel primordial que Nelson atribui às mulheres e sua força, numa sociedade de tradição patriarcal e patrícia como a nossa. Pode-se dizer que em grande parte a "tragédia nacional" que Nelson Rodrigues desenha está contida no destino de suas mulheres, sempre à beira de uma grande transformação redentora, mas sempre retidas ou contidas em seu salto e condenadas a viver a impossibilidade.

Em seu teatro, Nelson Rodrigues temperou o exercício do realismo cru com o da fantasia desabrida, num resultado sempre provocante. Valorizou ao mesmo tempo o coloquial da linguagem e a liberdade da imaginação cênica. Enfrentou seus infernos particulares: tendo apoiado o regime de 1964, viu-se na contingência de depois lutar pela libertação de seu filho, feito prisioneiro político. A tudo enfrentou com a coragem e a resignação dos grandes criadores.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA SOBRE TEATRO E O TEATRO DE NELSON RODRIGUES

AGUIAR, Flávio. "O Brasil e o teatro: qual dos dois não é mais aquele?", em D'lncao, Maria Ângela (org.). 0 *Brasil não é mais aquele: mudanças sociais após a redemocratização.* São Paulo: Cortez, 2001. p. 17-28.

CAFEZEIRO, Edwaldo; GADELHA, Carmen. *História do teatro brasileiro.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

FRAGA, Eudinyr. *Nelson Rodrigues expressionista.* São Paulo: Ateliê, 1998.

MAGALDI, Sábato. *Nelson Rodrigues — dramaturgia e encenações.* São Paulo: Perspectiva, 2000.

. *Iniciação ao teatro.* São Paulo: Ática, 1998.

. *Panorama do teatro brasileiro.* Rio de Janeiro: Global, 1998.

PRADO, Décio de Almeida. *Apresentação do teatro brasileiro moderno.* São Paulo: Perspectiva, 2001.

. *História concisa do teatro brasileiro.* São Paulo: Edusp, 1999.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo de Nelson Rodrigues.* Organização de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 4v.

VISITAS NA INTERNET

www.releituras.com/nelsonr_bio.asp (acessado em março de 2004)

www.jbonline.terra.com.br/destaques/Nelson/biografia.html (acessado em março de 2004)

A obra teatral de Nelson Rodrigues exibe o olhar irônico e satírico deste dramaturgo genial sobre um país e uma sociedade em transformação vertiginosa. Nas 17 peças que escreveu ao longo de sua carreira, ele inaugurou e consolidou o modernismo no teatro brasileiro.

Ivonete ficou viúva e não quer mais sentar. Preocupado, seu pai chama os mais conceituados especialistas para solucionar a questão: o psicanalista, o otorrino, a ex-cocote e o diabo. O resultado desse encontro é a "farsa irresponsável" Viúva, porém honesta, com que Nelson Rodrigues respondeu a todos aqueles que o criticavam. Jece Valadão e Dulce Rodrigues estrelaram a primeira montagem, em 1957.

40 Anos Livros
Sempre um bom livro

EDITORA NOVA FRONTEIRA

SEMPRE UM BOM LIVRO

ISBN 85.209.1618-X

{1} *Víseira: pequena aba frontal, presa na cabeça por tira de couro, muito usada pelos jornalistas no começo do século XX para proteger os olhos da luz.*

{2} *Cocote: palavra de origem francesa que no Brasil do começo do século XX designava uma prostituta elegante e refinada.*

{3} *Cecil B. de Mille (1881-1959): diretor de cinema norte-americano, famoso por suas superproduções com milhares de figurantes.*

{4} *Magnésio: dispositivo fotográfico de função semelhante ao do flash de hoje em dia. Consistia numa barra coberta de magnésio que explodia, produzindo luz e muita fumaça. Depois foi substituído pelas lâmpadas de magnésio que eram usadas uma vez só, porque queimavam na explosão; por fim, pelo flash eletrônico, embutido ou não na máquina fotográfica.*

{5} *Cáspite!: expressão já antiga na época da peça (1957) que indica espanto. Caramba!*

{6} Como *num* boxeur: ou *seja, apertando a mão* do outro com as duas *mãos.*

{7} *Cambaxirra: nome dado a uma ave comum no Brasil, irrequieta, que passa o tempo a dar pequenos pulos atrás de comida. Por extensão, designava na gíria mulher pequena e agitada.*

{8} Kaiser: *nome dado ao imperador da Alemanha até a Primeira Guerra Mundial.*

{9} *Mata-Hari: nome artístico de Margaretha Zelle (1876-1917), dançarina holandesa, famosa por sua beleza e artes de sedução. Acusada pelos franceses de espionagem em favor dos alemães na Primeira Guerra Mundial, foi fuzilada perto de Paris em 1917. Seu caso provocou obras literárias e filmes apaixonados, ora em favor da acusação, ora apresentando-a como vítima de uma conspiração.*

{10} *Febre amarela: no começo do século XX, a febre amarela era epidêmica no Rio de Janeiro, assim como na* maioria das capitais brasileiras.

{11} *Bocage: menção ao poeta português Manoel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805). Tendo levado uma vida boêmia e vista como desregrada pelos moralistas de sua época, tornou-se personagem de uma série de anedotas eróticas em Portugal e no Brasil.*

{12} *Revista da praça Tiradentes: menção aos teatros da praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, que apresentavam espetáculos conhecidos como do gênero revista. Eram peças musicadas, de pouco ou quase nenhum enredo, ou com um muito frouxo, que era mais um pretexto para apresentar quadros satíricos sobre os costumes e também a política nacional. Tinham sempre um forte apelo erótico e eram muito vigiadas pela censura. A origem do nome revista está nas peças também musicadas, satíricas e eróticas do fim do século XIX,* que *passavam "em revista" os acontecimentos do ano anterior. O teatro de revista praticamente desapareceu a partir do começo dos anos 1960, com a mudança da capital para Brasília e com o advento da ditadura militar de 1964, e sua censura rígida sobre* o *teatro e as artes.*

{13} Boîte.- *boate. Na época ainda se preferia a escrita à francesa.*

{14} *Chicabon: picolé de chocolate, lançado em 1942.*

{15} *Messalina: na antigüidade houve duas Messalinas famosas, ambas por suas paixões e hábitos vistos como desregrados. A primeira foi a mulher do imperador romano* Cláudio, *que ao ver-se pretendo por um*

amante tido como mais belo, mandou matá-la. A segunda foi mulher do imperador Nero, o que mandou incendiar Roma. O nome ficou como símbolo de uma mulher sem moral.

{16} *SAM: Serviço de Assistência ao Menor. Foi instituído em 1941 por Getúlio Vargas. Em 1964 foi substituído pela Funabem.*

{17} *Pola Negri: nome de atriz polonesa muito famosa no tempo do cinema mudo. Nasceu em 1895 e morreu com 92 anos em 1987. Ficou conhecida em seus papéis de mulher fatal e sedutora.*

{18} *Dorothy Dalton: nome de uma atriz do cinema norte americano nascida em 1893.*

{19} *Combinado de pedra e cal: quer dizer "combinado para valer".*

{20} *Figurinha difícil da bala Ruth: na época eram comuns as coleções de figurinhas para serem coladas em álbuns que eram compradas junto com balas. Havia as fáceis e as difíceis, as muito disputadas, como a de n° 1 ou a última, e as crianças costumavam trocá-las. Uma figurinha difícil podia ser trocada por muitas fáceis.*

{21} Fauno e sátiro: expressões comuns nas peças de Nelson Rodrigues para designar homem que agia com segundas intenções sexuais. Faunos e sátiros eram divindades silvestres *da Grécia* antiga, símbolos de fertilidade, e *eram representados* com pés e *chifres* de cabra *e corpo* peludo. Os sátiros em gera! tinham *forma* de criança e os faunos de adulto.

{22} Solteirona de *Garcia Lorca: menção ao teatro do poeta* espanhol *Federico* Garcia *Lorca (1898-1936),* assassinado pelas *tropas do Generalíssimo* Francisco Franco.

{23} *Repórter Esso: programa noticioso de rádio lançado em 1941 pela Esso Brasileiro de Petróleo. Foi o noticiário mais importante da época e tinha credibilidade para interromper a programação comum com suas "edições extraordinárias".*

{24} *Apoteoses: as apoteoses eram quadros grandiosos e feéricos,* com *luz e som, que finalizavam as peças do teatro de revista. Costumava-se neles festejar uma data, um personagem da vida pública, uma celebração cívica, como a Independência, Santos Dumont, o Patriotismo etc.*

{25} *Segismundo: menção irônica a Sigmund Freud, o fundador da psicanálise.*

{26} *X-9: famosa* revista *em quadrinhos da época. X-9 era o codinome de um detetive, protagonista de uma série* policial que levava o *seu nome.*

{27} *Assassinato de Pinheiro Machado: José Gomes Pinheiro Machado era um político gaúcho, senador da República, de enorme influência no Congresso Nacional, assassinado por um* anarquista *em 1915, no* Rio de *Janeiro, com uma facada nas costas. Os* motivos do *crime, se foi a mando ou não, nunca ficaram de todo esclarecidos.*

{28} Gaffe: *gafe. Como em outros casos, ainda se preferia a escrita à francesa.*

{29} *Mafuá: originalmente* designava *um* parque *de diversões com música de alto-falante, ou um lugar onde se davam bailes populares. Virou* sinônimo de bagunça, desordem.

{30} *Rei Lear: menção irônica ao personagem e a peça homônima do dramaturgo inglês William Shakespeare (1554-1616). O Rei Lear virou modelo do homem que se crê muito poderoso e respeitado, mas que, na velhice, descobre ser fraco e desprezado por suas próprias filhas, exceto uma..*

{31} *Ouvir a novela: na época (1957) ainda era mais comum as pessoas ouvirem novelas pelo rádio do*

que vê-las na televisão, embora estas já existissem. A televisão era recente no Brasil, tendo começado em 1952, e seu alcance era apenas local.

{32} *Western: menção à Western Telegraph Co., empresa telegráfica norte-americana e privada* que *atuava no Brasil, e que era considerada na época mais rápida e segura do que a empresa* pública de *Correios e Telégrafo.*

{33} *Rapa: originalmente nome de um jogo de dado em que este tem, ao invés de números nas faces, palavras como "rapa", "tira", "põe", "deixa" etc. indicando o que o jogador deve fazer. Virou nome dado ao carro da prefeitura que conduzia os fiscais para apreender mercadorias vendidas sem licença pelos ambulantes. Por fim virou sinônimo de* batida policial.

{34} *Brucutu: nome de um personagem e de uma revista de histórias em quadrinhos. As histórias se passavam num cenário da Idade da Pedra e Brucutu era o herói, um personagem forte, honesto e algo ingênuo.*

{35} *Gibi: nome genérico dado às revistas de histórias em quadrinhos. A palavra designava originalmente um garoto negro e tornou-se o nome de um dos primeiros personagens brasileiros das histórias em quadrinhos.*

{36} Flávio *Aguiar é professor de Literatura Brasileira da USP. Ganhou o Prêmio jabuti em 1984, com sua tese de doutorado* A comédia brasileira no teatro de José de Alencar, *e em 2000, com* o *romance* Anita. *Atualmente coordena um programa de teatro para escolas* da *periferia de São Paulo, junto à Secretaria Municipal de Cultura.*